EDIÇÃO 37 SETEMBRO 2006

AVENTURAS NA HISTÓRIA

PARA VIAJAR NO TEMPO

PROCURA-SE
BIN LADEN
Como ele enganou os Estados Unidos nos últimos cinco anos



TIM-TIM!
DA CERVEJA À COCA-COLA, UM BRINDE ÀS BEBIDAS QUE MUDARAM A HISTÓRIA

ALCATRAZ
ACOMPANHE A FUGA MAIS ESPETACULAR DE TODOS OS TEMPOS

A nova face de D. PEDRO I

Tudo o que a escola não contou sobre o herói da independência que se tornou símbolo de liberdade na Europa do século 19


ISSN 1806-2415

R$ 9,95



EDITORA Abril
Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)
Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente-Executivo: Giancarlo Civita
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora Corporativa de Publicidade: Thais Chede Soares B. Barreto
Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretora de Núcleo: Helena Bagnoli

AVENTURAS NA HISTÓRIA
Redator-chefe: Celso Miranda
Editora de Arte: Débora Bianchi Editores de Texto: Cláudia de Castro Lima e Fábio Peixoto Designers: Bernardo Borges e Fabio Otubo
Atendimento ao leitor: Alessandra Mennel Estagiária: Michele K. Quaresma (arte)
Colaborou nesta edição: Rodrigo Cavalcante (edição) e José Vicente Bernardo (revisão)
www.aventurasnahistoria.com.br

Apoio Editorial: Beatriz de Cássia Mendes, Carlos Grassetti Serviços Editoriais: Wagner Barreira Depto. de Documentação e Abril Press: Grace de Souza Correspondente Internacional: Ruth de Aquino

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcos Peregrina Gomez, Mariane Ortiz, Robson Monte, Sandra Sampaio Executivos de Negócio: Eliani Prado, Letícia di Lallo, Luciano Almeida, Marcello Almeida, Marcelo Cavalheiro, Marcia Soter, Nilo Bastos, Pedro Bonaldi, Sueli Cozza, Virginia Any, Vlamir Aderaldo, Willian Hagopian PUBLICIDADE REGIONAL: Diretor: Jacques Baisi Ricardo PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO: Diretor: Paulo Renato Simões PUBLICIDADE NÚCLEO CULTURA: Gerente : Fernando Sabadin Executivos de Negócio: Alessandra Damaro, Analucia Bertola, João Eduardo Dias, Larissa Ceravolo, Luis Fernando Lopes, Luiz Carlos Rossi, Nanci Garcia, Vera Robles Reis. MARKETING E CIRCULAÇÃO: Gerente de Marketing: Valeska Scartezini Gerente de Publicação: Louise Faleiros Eventos: Anna Christina Franco e Denise Zuanazzi Gerente de Circulação Avulsas: Simone Carreira Gerente de Circulação Assinaturas: Bárbara Miklasevicius Licenciamento: Paulo Alves e Vanessa Weitman PLANEJAMENTO, CONTROLE E OPERAÇÕES: Diretor: Auro Iasi Gerente: André Vasconcelos Analista: Sílvio Fontes Processos: Fabiano Valim ASSINATURAS: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Ana Dávalos Diretor de Vendas: Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 8º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel. (11) 3037-2000, fax (11) 3037-6334 Publicidade São Paulo www.publiabril.com.br, Classificados tel. 0800-7012066, Grande São Paulo tel. 3037-2700 ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL : Central-SP tel. (11) 3037-6564 Central-SP tel. (11) 3037-6564 Bauru Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378, e-mail: gnottos@gnottosmidia.com.br Belém Midiasolution Belém, tel (91) 3222-2303, email: simone@midiasolution.net Belo Horizonte tel. (31) 3282-0630, fax (31) 3282-0632 Blumenau M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820, email marchimauro@uol.com.br Brasília Escritório: tels. (61) 3315-7554/55/56/57, fax (61) 3315-7558; Representante: Carvalhaw Marketing Ltda., tels (61) 426-7342/3223-0736/3225-2946/3223-7778, fax (61) 321-1943, e-mail : starmkt@uol.com.br Campinas CZ Press Com. e Representações, telefax (19) 3233-7175, e-mail: czpress@czpress.com.br Campo Grande Josimar Promoções Artísticas Ltda. tel. (67) 3382-2139 e-mail: melissa.tamaciro@josimarpromocoes.com.br Cuiabá Agronegócios Representações Comerciais, tels (65) 9235-7446/9602-3419, e-mail: lucianooliveir@uol.com.br Curitiba Escritório: tel. (41) 3250-8000/8030/8040/8050/8080, fax (41) 3252-7110; Representante: Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (41) 3234-1224, e-mail: viamidia@viamidiapr.com.br Florianópolis Comercial Via Lagoa, Lagoa da Conceição, tel. (48) 3232-1617, fax (48) 3232-1782, e-mail: interacao@brturbo.com Fortaleza Midiasolution Repres. e Negoc. em Meios de Comunicação, telefax (85) 3264-3939, e-mail: midiasolution@midiasolution.net Goiânia Middle West Representações Ltda., tels. (62) 3215-5158, fax (62) 3215-9007, e-mail: publicidade@middlewest.com.br Joinville Via Mídia Projetos Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax (47) 3433-2725, e-mail: viamidiajoinvillle@viamidiapr.com.br Manaus Paper Comunicações, telefax (92) 3656-7588, e-mail: paper@internext.com.br Maringá Atitude de Comunicação e Representação, telefax (44) 3028-6969, e-mail: marlene@atituderep.com.br Porto Alegre Escritório: tel. (51) 3327-2850, fax (51) 3227-2855; Representante: Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., telefax (51) 3328-1344/3823/4954, e-mail: ricardo@printsul.com.br; Multimeios Representações Comerciais, tel.(51) 3328-1271, e-mail: multimeiosrepco@uol.com.br Recife MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax (81) 3327-1597, e-mail: multirevistas@uol.com.br Ribeirão Preto Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel (16) 3911-3025, email gnottos@gnottosmidia.com.br Rio de Janeiro pabx: (21) 2546-8282, fax (21) 2546-8253 Salvador AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3341-4992/1765/9824/9827, fax: (71) 3341-4996, e-mail: abrilagm@uol.com.br Vitória tel. ZMR-Zambra Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952, e-mail: samuelzambrano@intervip.com.br

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais Negócios e Tecnologia: Exame, Info, Info Canal, Info Corporate, Você S/A Núcleo Consumo: Boa Forma, Elle, Estilo, Manequim Núcleo Comportamento: Ana Maria, Claudia, Nova, Faça e Venda ,Viva! Mais Núcleo Bem-Estar: Bons Fluidos, Saúde!, Vida Simples Núcleo Jovem: Bizz, Capricho, Mundo Estranho, Superinteressante Núcleo Infantil: Atividades, Disney, Recreio Núcleo Cultura: Almanaque Abril, Aventuras na História, Bravo!, Guia do Estudante Núcleo Homem: Men's Health, Playboy, Vip Núcleo Casa e Construção: Arquitetura e Construção, Casa Claudia, Claudia Cozinha Núcleo Celebridades: Contigo!, Minha Novela, Tititi Núcleo Motor Esportes: Placar, Quatro Rodas Núcleo Turismo: Guias Quatro Rodas, National Geographic, Viagem e Turismo Núcleo Fundação Victor Civita Nova Escola

AVENTURAS NA HISTÓRIA ISSN 18062415, setembro de 2006, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. AVENTURAS NA HISTÓRIA não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 5087-2112
Demais localidades: 0800-704-2112 www.abrilsac.com
Para assinar: Grande São Paulo: 3347-2121
Demais localidades: 0800-701-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP

LEI DE INCENTIVO À CULTURA MINISTÉRIO DA CULTURA
IVC FIPP ANER

Abril
Presidente do Conselho de Administração e Presidente Executivo: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Vice-Presidentes: Deborah Wright, Douglas Duran, Eliane Lustosa, Marcio Ogliara
www.abril.com.br

MANUSCRITO

Se você me permite...

Ao ver minha foto aí ao lado, você já deve ter desconfiado de que alguma coisa aconteceu com o Celso Miranda, redator-chefe de HISTÓRIA, que geralmente ocupa este espaço. Eu não vou lhe esconder nada: de fato, aconteceu algo grave. Mas, felizmente, ele passa bem. Bem até demais. Há 30 dias, a direção da Abril resolveu deslocá-lo temporariamente para desenvolver outros projetos na Editora. Quem conhece o talento do cara sabe que, de certa forma, isso era inevitável. Ao entrar pela primeira vez na redação da *Super*, em 2003, esse palmeirense que cresceu em Osasco mostrou logo do que era capaz. Eu estava lá e vi quando participou da criação de HISTÓRIA e imprimiu na nova revista a competência e o bom humor que lhe são peculiares. O resultado, que você tem em mãos, é esta revista apaixonante, que se tornou líder do mercado graças a leitores especiais como você.

©1

Talvez seja por isso que, ao ser chamado para ocupar por algum tempo a mesa dele, eu tenha ficado um tanto preocupado. Dias depois, ao conhecer de perto a redação, o receio desapareceu. Percebi que, além de cuidar da revista, Celso montou um timaço para trabalhar com ele. Assim, é claro, tudo fica mais fácil.

E foi com a ajuda dessa equipe (e do próprio Celsão, que vez ou outra veio dar atilados pitacos por aqui) que decidimos fazer uma matéria de capa revelando a face desconhecida de um homem bem conhecido. Assim como nós, você deve se surpreender com um lado fascinante de dom Pedro I que não costuma ser ensinado na escola. Leia e descubra por si mesmo. Além dessa reportagem, temos uma matéria especialíssima sobre os cinco anos de perseguição a Osama bin Laden. Para entregar a você todos os detalhes dos bastidores dessa busca, nosso colaborador Tiago Cordeiro não poupou esforços, entrevistando especialistas sobre o tema, como profissionais da rede árabe Al Jazeera e ex-agentes da CIA.

Agora só me resta torcer para que você goste do resultado.

DOSE DUPLA

A ausência temporária do Celso não é desculpa pra gente aliviar o ritmo por aqui. Muito pelo contrário. Em agosto, você não pode perder dois dos maiores lançamentos de documentários em DVD que já fizemos. Primeiro, no dia 17, chega *Armas da II Guerra*, o quarto filme da coleção *Grandes Guerras*. Um filmaço só com imagens originais de aviões, metralhadoras, tanques, navios, foguetes e submarinos em combate. Artigo de colecionador.

Armas que decidem

Você só vai ter uma semana para respirar, porque dia 24 chega às bancas o filme do ano: *Aníbal*, uma superprodução da BBC sobre a vida do herói de Cartago que ousou enfrentar Roma. Com reconstituições assombrosas dos principais eventos e batalhas, você vai se sentir junto de Aníbal Barca e seu exército de elefantes, cruzando os Alpes para desafiar o poder de Roma. Programão.

Aníbal contra os romanos

Um forte abraço,

RODRIGO CAVALCANTE
rcavalcante@abril.com.br
EDITOR-COLABORADOR

©1 ACERVO PESSOAL

SUMÁRIO





CAPA: JUBRAN
© 1 JUBRAN 2 AP
3 MARCELO GOMES

SEÇÕES





MISSIVAS

"Um relato esclarecedor do mundo islâmico numa época em que só se fala sobre os conflitos do Oriente Médio."

ALEXANDRO DE OLIVEIRA, SALVADOR – BA

1658
Cartas e e-mails recebidos no mês passado

GUERRA SANTA

"Marcha por Alá" (pág. 26), escrita de forma envolvente, conta a origem de temas relacionados, que aprendemos como conteúdos separados na escola. Por exemplo: a precoce formação do Estado português e a expulsão dos mouros e início das grandes navegações.
Rita Feodrippe
Niterói – RJ

A matéria está impecável. Mas acho que vocês poderiam ter abordado o islamismo em uma conjuntura mais contemporânea, tratando, por exemplo, a questão da mulher e o "terrorismo" em nome de Alá. Creio que qualquer temática histórica torna-se muito mais válida e indispensável quando é contextualizada em nossa época.
Rafael Rabêlo
Petrolina – PE

NA GARUPA DE ALBERTO

Emocionante e comovente a entrevista com Alberto Granado ("Na garupa, com o Che", pág. 52). Sua coerência em responder às perguntas nos deixa com o sentimento de ter vivido com ele e Che aquela fantástica aventura. Ele foi encantador em afirmar que a única forma de ser livre é sendo culto. Brilhante conclusão para um mundo tão invertido em valores e carente de conhecimento.
Joana D'Arc Bussular Diniz
Aimorés – MG

Tinha muita vontade de ouvir de Granado intimidades sobre Che e confesso que vocês conseguiram me proporcionar isso. Ao ler a matéria, parecia que eu estava conversando com ele.
Talis Mauricio
Osasco – SP

LIBERTADORES DA AMÉRICA

Houve um erro no mapa da página 49, na matéria "Meu sonho de liberdade". Na ilustração, Venezuela e Colômbia estão com suas posições invertidas.
Mário Benedito Ferreira
Belém – PA

Mário, você tem razão! Veja o mapa certo.



©1

VISUAL RENOVADO

Adorei o novo visual da revista, feito pela Débora Bianchi. Ficou muuuito melhor!
Marcelo Delago
Por e-mail

A CLASSE DO STRADIVARIUS

Sinceramente, depois da leitura sobre os violinos de Stradivarius ("A magia de Stradivarius", pág. 34), se me perguntassem se eu preferiria ganhar a *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci, ou o Khevenküller-Metsch, de Stradivarius, escolheria o segundo.
Thiago Ribeiro Medeiros
Salvador – BA

Encontraram em minha cidade um violino no porão de uma escola. Agora estão fazendo uma série de análises porque suspeitam que ele seja um Stradivarius. A reportagem me explicou por que eles são tão raros e caros – dúvida que todo mundo tinha desde que foi noticiada

WWW.AVENTURASNAHISTORIA.COM.BR

RESPONDA NA INTERNET
Em sua opinião, Osama bin Laden será preso algum dia?

PROMOÇÃO NO SITE
Em nosso site, os leitores de HISTÓRIA podem ganhar livros toda semana. Para isso, basta participar da promoção Ganhe Livros. As instruções estão no próprio site.

PENALIDADE MÁXIMA
Na enquete do mês passado, perguntamos se o Brasil deveria ou não adotar a pena de morte. Por uma pequena margem, as pessoas que são a favor da pena capital foram a maioria.

SIM  **52%**

NÃO  **48%**

ESCREVA E GANHE

CARTAS DO MÊS

PENA DE MORTE

"Arcabuzamento" é o termo correto para a morte de Frei Caneca, não "fuzilamento" ("A lei que mata", pág. 40). Parecido com o bacamarte, o arcabuz era a arma à época da execução.
Marcílio de Barros Correia
Recife – PE

O uniforme dos soldados portugueses na ilustração da página 43, assim como os trajes do civil e do escravo, são incompatíveis com a época do fato (1549) a que a mesma se refere. O mesmo ocorre com a arma de fogo.
Edison Genoves
São Paulo – SP

No Código Penal Militar, está prevista pena de morte em tempos de guerra para crimes como deserção e traição. E, de acordo com o crime, a pena pode ser executada no campo de batalha.
João Miguel Rodrigues Neto
Lages – SC

Na página 42, há uma referência ao enforcamento de Calabar. Mas a imagem é de um garroteamento.
Marcelo Grivot Morais
Porto Alegre – RS

Todos os atentos leitores têm razão. Vamos por partes:
a) Embora "fuzilamento" seja um termo utilizado para designar execução por arma de fogo, o mais preciso seria dizer "arcabuzamento".
b) Acima, refizemos a ilustração com as vestes e armas corretas.
c) "A pena de morte ainda existe na legislação brasileira: está prevista no Código Penal Militar, em casos de guerra", afirma Adriana Nunes Martorelli, presidente da Comissão de Política e Carcerária da OAB paulista. O fuzilamento também é aplicável a civis que cometerem crimes contra o Estado. "A pessoa é julgada por um Conselho de Justiça Militar e sua pena deve ser confirmada pelo presidente da República em até sete dias", diz Evandro Capano, presidente da Comissão de Segurança Pública da mesma entidade.
d) Calabar foi garroteado – execução em que o condenado é estrangulado e morre sufocado após a ruptura da traquéia. No enforcamento, a morte ocorre devido à quebra da espinha dorsal com a queda do corpo amarrado pelo pescoço.

©2

ESCREVA E GANHE
Os quatro leitores acima ganharão DVDs da coleção HISTÓRIA.

a descoberta do instrumento por aqui.
Hoffman Elias
Pará de Minas – MG

BALÃO NO DIA D

A **Foto-História** de maio ("Balão no Dia D", pág. 25) tem um erro. O veículo que transporta o balão de barragem não é um jipe, e sim um Dodge 4x4, de transporte de tropas e de cargas, com capacidade de 3/4 de tonelada (800 quilos), motor T-214 (seis cilindros em linha), modelo WC-51 ou WC-52 (se tiver guincho na frente). No Exército Brasileiro, é carinhosamente tratado por "pata choca".
Cleber Almeida de Oliveira
Santos Dumont – MG

Boa, Cleber. A correção está em ***Errata.***

ERRATA

- O livro *Uma História de Deus* foi editado no Brasil pela Companhia das Letras ("Marcha por Alá", pág. 26).
- Portugal conheceu o chá após o século 15 ("Como fazíamos sem cafezinho", pág. 16).
- Calabar foi garroteado. As penas de morte no Império costumavam ser transformadas em "galés perpétuas" (trabalhos forçados até a morte). No Brasil, a pena de morte está prevista no Código Penal Militar e na Constituição, em caso de guerra ("A lei que mata", pág. 40).
- A Alemanha foi oficialmente dividida em duas repúblicas em 1949 ("Berlim, a capital do mundo", julho, pág. 12).
- O veículo que aparece em "Balão no Dia D" (maio, pág. 25) é um Dodge 4x4.

Erros detectados na revista (incluindo da edição que ainda está nas bancas) são corrigidos no site: www.aventurasnahistoria.com.br

FALE COM A GENTE

LEITORAS E LEITORES!
Escreva suas perguntas, críticas e sugestões para a redação de HISTÓRIA – av. das Nações Unidas, 7 221, 8º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP. Se preferir, fale com a Alessandra Mennel por e-mail (sem esquecer de citar seu nome e o da sua cidade): aventhistoria@abril.com.br

ASSINE JÁ
Site: www.assineabril.com.br
E-mail: abril.assinaturas@abril.com.br
Av. Otaviano Alves de Lima, 4 400, 4º andar, CEP 02909-900, São Paulo, SP.
Tels.: (11) 3347-2121 – Grande São Paulo; 0800-7012828 – outras localidades. De 2ª a 6ª, das 8h às 22h
Fax: (11) 5087-2100

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE
(Dúvidas sobre envio, pagamentos, reclamações sobre sua assinatura e para renovar.) Site: www.abrilsac.com.br
E-mail: abrilsac@abril.com.br
Av. das Nações Unidas, 7 221, 6º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP
Renova fácil: (11) 5087-2145
Tels.: (11) 5087-2112 – Grande São Paulo
0800-7042112 – outras localidades
De 2ª a 6ª, das 8h às 22h
Fax: (11) 5087-2100

EXEMPLARES EM LOTE
Para comprar HISTÓRIA em lotes especiais, fale com Simone Carreira, e-mail: sicarreira@abril.com.br

VENDA DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução dos textos e imagens publicados em HISTÓRIA em livros, jornais, revistas e sites, fale com Mayume Icimoto pelo e-mail micimoto@abril.com.br ou pelo fax (11) 3037-6920

MARKETING
Para conhecer as soluções de comunicação que temos para seus produtos e sua empresa ou para nos propor negócios, fale com a Louise Faleiros, nossa gerente de produto: lfaleiros@abril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Solicite ao seu jornaleiro. O valor cobrado será o preço de capa acrescido da tarifa de postagem quando a edição pedida for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade de estoque). Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. – Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

PARA ANUNCIAR
Fale com Fernando Sabadin, e-mail fernando.sabadin@abril.com.br
Tels.: (11) 3037-5189 – Grande São Paulo
(21) 2546-8100 – Rio de Janeiro
(11) 3037-5759 – outras localidades
(11) 3037-5000 – vendas diretas

© FABIO MOON 2 SATTU

NOTÍCIAS

TERRORISMO

Os outros 11 de Setembro

Atentado aos Estados Unidos ofuscou fatos que ocorreram na mesma data

Em 11 de setembro de 2001, o segundo Fórum Social Mundial foi anunciado no Rio Grande do Sul. Além disso, descobriu-se que um vírus de hepatite poderia ajudar no combate ao HIV, que provoca a aids. Na mesma data, o tenista Gustavo Kuerten perdeu por 2 sets a 1 o jogo de estréia do Torneio da Costa do Sauípe. Mas quem se lembra disso?

O 11 de setembro entrou para a história por conta do atentado terrorista contra os Estados Unidos. Dois aviões foram atirados contra as torres do World Trade Center, em Nova York. Numa ação conjunta, outro avião foi jogado contra o Pentágono, em Washington, e uma quarta aeronave caiu na Pensilvânia. O saldo foi de cerca de 3 mil mortos.

O episódio acabou ofuscando outros que ocorreram na mesma data. Um deles foi o golpe de Estado no Chile, liderado por Augusto Pinochet – cuja ditadura também teve como saldo 3 mil mortos ou desaparecidos. Conheça este e outros eventos importantes acontecidos num 11 de setembro.

ADRIANA LUI E CLÁUDIA DE CASTRO LIMA

SAIBA MAIS



OS OUTROS 4 DE JULHO, 7 DE SETEMBRO E 15 DE NOVEMBRO, TAMBÉM OFUSCADOS

Golpe no Chile

Em 1973, presidente Allende se mata na sede do governo

O governo de Salvador Allende, primeiro presidente socialista chileno eleito por voto popular, em 1970, terminou antes do previsto. Em 11 de setembro de 1973, sob o comando do general Augusto Pinochet, tanques e aviões cercaram o palácio de La Moneda, sede do governo, em Santiago, e abriram fogo para consumar o golpe de Estado apoiado pelo serviço secreto norte-americano. Allende teve tempo de fazer um último discurso, por telefone, antes de se matar com um fuzil AK-47 que ganhara de Fidel Castro.

Parece cena do 11 de setembro mais famoso, mas é Allende sendo tirado do palácio do governo



O prédio da Gestapo, a polícia nazista alemã, foi destruído após o bombardeio

Guerra na Alemanha nazista

Em 1944, 11 mil civis foram mortos em Darmstadt

Uma das primeiras ações das tropas aliadas contra a Alemanha nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, ocorreu entre 11 e 12 de setembro. Na cidade alemã de Darmstadt a data é lembrada até hoje com pesar – os aviões da RAF (Real Força Aerea) britânica bombardearam o local em 1944 e deixaram como resultado 11,5 mil mortos e 66 mil desabrigados. Além disso, o ataque aéreo provocou quase a destruição total do centro antigo e transformou mais de 70% das construções da cidade em pó.

Independência

O escocês William Wallace ganhou uma batalha em 1297

Foi em 11 de setembro de 1297 que o herói escocês William Wallace, aquele interpretado por Mel Gibson em *Coração Valente*, lutou na Batalha da Ponte Stirling, uma das mais importantes pela independência de seu país. Um ano antes, a Escócia tinha sido anexada pelo rei inglês Eduardo I. Os escoceses se rebelaram contra os dominadores e William Wallace tornou-se um dos líderes deles. A Batalha da Ponte Stirling foi a primeira grande vitória do exército rebelde, apesar da franca vantagem numérica inglesa: eram 60 mil contra 10 mil escoceses. Traído por um aliado, Robert the Bruce, Wallace acabou decapitado em 1304. No ano seguinte, Bruce proclamou-se rei da Escócia e declarou a independência de seu país dez anos depois. As duas coroas foram unificadas em 1603.

Atentado

O italiano Benito Mussolini sofreu um atentado em 1926

O anarquista Gino Lucetti tentou assassinar Benito Mussolini enquanto este passava de carro pelas ruas de Roma, na Itália, em 11 de setembro de 1926. Lucetti atirou uma bomba contra o carro de Mussolini, mas ela acabou ferindo oito pessoas e o ditador saiu ileso. Mussolini sofreu três atentados em 1926, mas sobreviveu a todos. Acabou morto em 1945, fuzilado pela resistência italiana após a Segunda Guerra.



Benito Mussolini escapou dos três atentados que sofreu em 1926

E não é só isso

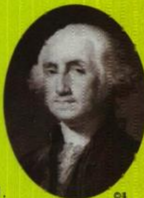
Mais episódios curiosos que aconteceram nesse dia

TERREMOTO NA GUATEMALA EM 1541

Estabelecida pelos espanhóis no vale de Almolonga, na América Central, em 1527 a Cidade da Guatemala foi completamente destruída por um terremoto, seguido de uma inundação, em 11 de setembro de 1541. Depois da tragédia, a capital da atual Guatemala foi transferida para o vale Panchoy, perto de Almolonga, e abrigou a realeza da época até ser destruída em 1773 por... outro terremoto. Hoje, no lugar da cidade atingida pelo abalo de 1541, repousa a Ciudad Vieja (cidade velha).

EUA PERDEM BATALHA EM 1777

O 11 de setembro já era zicado para os americanos desde o século 18. Em 1777, o Exército Continental, liderado por George Washington, levou uma sova dos ingleses de William Howe numa das lutas após a independência. A Batalha de Brandywine foi a mais longa do conflito: durou das 10h da manhã até as 16h30 do dia 11.



"OH! SUSANNA" SAI EM 1847

A música mais famosa do compositor americano Stephen Foster, "Oh! Susanna", foi apresentada pela primeira vez em público num *saloon* na Pensilvânia.

CARANDIRU ABRE AS PORTAS EM 1956

A Casa de Detenção do Carandiru foi inaugurada em São Paulo pelo prefeito Jânio Quadros em 11 de setembro de 1956. Projetada para abrigar presos à espera de julgamento, comportava 3 250 pessoas.

PETER TOSH É MORTO EM 1987

Em 11 de setembro de 1987, três homens invadiram a casa do cantor Peter Tosh, difusor do ritmo e da cultura do reggae e ex-parceiro de Bob Marley. Outros dois colegas do *rastaman* também foram mortos. A polícia identificou o líder do trio como Dennis Lobban, ex-condenado que, após deixar a cadeia, recebeu auxílio de Tosh. Lobban foi condenado na deliberação mais rápida de um júri na Jamaica: levaram 11 minutos para sentenciá-lo à morte. Ele ainda aguarda a execução e alega inocência.



© 1 AP, 2 CORBIS, 3 GETTY, 4 REPRODUÇÃO, 5 DIVULGAÇÃO
CONSULTORES: JOEL RODRIGUES E ALFREDO BOULOS JÚNIOR, MESTRES EM HISTÓRIA SOCIAL PELA USP.

NOTÍCIAS

TRAGÉDIA

Ressaca da Copa

Albino Friaça, que fez um gol na final de 1950, relembra a derrota para o Uruguai

Quem pensa que a eliminação do Brasil na Copa da Alemanha, este ano, foi uma tragédia não sabe o que foi viver a derrota para o Uruguai, na final do mundial de 1950. Albino Friaça Cardoso, 81 anos, sabe – e sente as marcas da derrota na pele até hoje, 56 anos depois. Foi ele o responsável pela louca alegria que invadiu o Maracanã logo no primeiro minuto do segundo tempo da final, no dia 16 de julho, quando marcou 1 a 0 sobre o Uruguai. Mas, minutos depois, um "silêncio monumental", como disse o escritor Nelson Rodrigues, tomou o estádio – Schiaffino empatou o jogo e Gigghia virou, selando a vitória uruguaia por 2 a 1. Os jogadores desceram dos pedestais para viver um drama que os acompanhou por toda a vida. Um dos últimos titulares vivos, Friaça mora em sua cidade natal, Porciúncula, no noroeste do estado do Rio de Janeiro, onde tem uma loja de material de construção. Quando fala do mundial de 1950, repete: "Foi um fardo. Um fardo que carrego até hoje". Leia abaixo os principais trechos da entrevista exclusiva que ele concedeu a HISTÓRIA.

©1



Este gol de Friaça fez o Brasil achar que a Copa estava ganha

FLÁVIA RIBEIRO

ENTREVISTA

©2



Friaça fez um gol na final da Copa de 50

HISTÓRIA – Como foi seu gol na Copa?
Peguei a bola na intermediária, passei pelo lateral-esquerdo e chutei da entrada da área. Tinha uma pancada forte, dei com toda força na *Leonor*. Quando vi que tinha feito o gol, um radialista pulou em cima de mim *(o locutor César de Alencar)*. Foi uma alegria. Era como se fôssemos deuses.

***Leonor* era a bola?**
Sempre chamei a bola de *Leonor*. A torcida gostava de mim porque eu sabia o que fazia com ela, o tapa na bola era firme.

E quando o Uruguai virou o jogo?
Até hoje eles "doem" em cima daquilo. Como é que o Brasil perdeu aquele jogo? Não sei. Mas foi um fardo muito pesado para nós. É um fardo para mim até hoje.

Havia um clima de "já ganhou"?
Não. A gente entrava em campo para ganhar, ninguém pensava em perder. Mas a gente jogava sério, era sem oba-oba.

Foi preciso perder em 1950 para ganhar em 1958, para amadurecer?
Não precisava nada, nós tínhamos que ter ganho. O Brasil tem que ganhar sempre.

O senhor ainda acompanha futebol?
Não perco um jogo do Vasco nem da seleção pela TV. Esses eu gosto de ver.

Dizem que o Obdúlio Varella deu um tapa no Bigode na final da Copa de 50. Isso foi verdade?
Não, essa história não aconteceu. Eu estava lá e vi tudo, teve uma confusão, mas não teve tapa. Hoje em dia é tudo diferente. Os jogadores não têm amor à camisa. Eu ficava com a minha sempre por perto, tinha em casa. Ela estava sempre lavada, passada, porque era um prazer levá-la comigo aonde eu ia. A gente chorava, gemia, mas não entregava os pontos num jogo.

O senhor ganhou dinheiro?
Ganhei. Tenho minha casa, minha loja. Não tenho do que reclamar. Mas não era esse dinheiro que os jogadores de hoje ganham, não. Era bem menos. E não ganhei os prêmios que me prometeram.

Os prêmios para o jogador que fizesse gol na final da Copa?
É, era um terreno, eu queria criar cabritos nele. E uma televisão também. Fiz o gol, fui cobrar depois, mas não ganhei nada. Do terreno só me deram couves (risos). Estou esperando meus prêmios até hoje.

SAIBA MAIS



A ENTREVISTA COMPLETA COM ALBINO FRIAÇA

Veneza
Istambul
TURQUIA
Bagdá
IRAQUE
Cairo
ARÁBIA SAUDITA
Meca
Deli
Lhasa
Trecho reaberto
ÍNDIA
CHINA
Xian
Antiga rota principal
Antiga rota secundária
©3

ORIENTE

Rota da Seda é reaberta

Passagem entre Índia e China volta a funcionar após 44 anos

Por ela circularam Gêngis Khan e Marco Polo. Circulou a peste, o budismo e o islamismo. E, claro, a seda, a preciosa mercadoria chinesa que surgiu em 2000 a.C. Foi o tecido que deu nome a uma das rotas de transporte e imigração mais conhecidas da humanidade. Com 7 mil quilômetros que ligam o Ocidente ao Oriente, da antiga capital chinesa de Xian ao mar Mediterrâneo, a Rota da Seda teve um trecho entre a Índia e a China reaberto em 6 de julho.

Essa passagem estava fechada havia 44 anos. Ela está localizada a mais de 4 mil metros de altitude, em Nathu La, na China. Sua reabertura vinha sendo negociada pelos países há três anos. A interrupção ocorreu em 1962, após uma guerra entre os dois. O conflito acabou com um armistício no mesmo ano, mas a fronteira permaneceu fechada ao comércio. "Com o fechamento, a exportação entre a China e a Índia tornou-se muito mais longa e demorada, pois passou a ser feita por vias marítimas", diz Dru Gladney, historiador e antropólogo do Centro de Estudos Asiáticos da Universidade do Havaí. Uma das grandes expectativas das autoridades chinesas é que a reabertura da Rota da Seda auxilie no desenvolvimento da região tibetana, uma das mais pobres do país. Antes da guerra das fronteiras, Nathu La movimentava quase 80% de todo o comércio entre a Índia e a China.

GIEDRE MOURA

ARQUEOLOGIA

Jóia indica: cultura nasceu em Israel e na Argélia

Enfeites pré-históricos feitos com conchas são considerados marco zero do pensamento

Pequenas conchas furadas de 100 mil anos foram consideradas recentemente o marco inicial do pensamento humano. Usadas como enfeites em colares, elas pertenciam a sítios arqueológicos de Israel e da Argélia. A pesquisa foi feita pelo antropólogo Christopher Hensilwood, da Universidade Estadual de Nova York, e publicada na revista científica *Science*.

Até então, as jóias mais antigas de que se tinha conhecimento pertenciam ao sítio arqueológico africano de Blombos e tinham 75 mil anos. Acreditava-se então que a cultura houvesse nascido lá – as conchas representam a capacidade de pensamento abstrato do homem, por isso são consideradas expressão cultural.

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA



Esses furinhos nas conchas mostram que o homem pensava

©4

© 1 FOLHA IMAGEM 2 DIVULGAÇÃO
3 ILUSTRAÇÃO JOEL LOBO 4 AP/SCIENCE

MITOLOGIA

De olho nas estrelas

Como os gregos sabiam a hora de consultar o deus Apolo no Oráculo de Delfos

Sacerdotisas do deus Apolo, do Sol e da profecia inalavam misteriosos vapores e previam o futuro. Uma vez por ano, pessoas de todas as cidades-estados da Grécia as consultavam no famoso Oráculo de Delfos e sentiam-se seguras para tomar uma série de decisões políticas e estratégicas – por uma módica doação ao santuário, claro. O que ninguém sabia até agora era como os gregos conseguiam ir para Delfos na mesma data para fazer suas consultas. A resposta, diz uma dupla de arqueólogos, está nas estrelas.

O problema é que cada cidade-estado grega, que equivalia a um país independente na Antiguidade, tinha seu próprio calendário, incluindo nomes de meses totalmente diferentes. Mas, todos os anos, os gregos aportavam em Delfos no sétimo dia do mês Bysios, correspondente ao nosso fevereiro.

Alun Salt e Efrosyni Boutsikas, da Universidade de Leicester, no Reino Unido, publicaram um estudo na revista científica *Antiquity* afirmando que era a constelação de Delfim que orientava esse pessoal todo. Segundo eles, existe uma correlação entre os festivais em honra de Apolo Delfínio em várias cidades gregas e o chamado nascer heliacal da tal constelação. O nascer heliacal é o momento do ano em que uma estrela volta a ser vista no horizonte, a leste, antes do nascer do sol – antes disso, o movimento da Terra a deixa oculta. O fenômeno varia pouco ao longo dos anos e séculos.

Pois bem: Salt e Boutsikas viram que as festas de Apolo aconteciam no mês seguinte ao nascer heliacal do Delfim (no nosso janeiro) em quase todas as cidades. Quando a constelação pintava no horizonte, os gregos saíam em sua viagem até Delfos. Na cidade do oráculo, outra coisa interessante acontecia. Ela está cercada de morros com quase 1 000 metros de altura – o horizonte mais "alto" faz o nascer heliacal acontecer cerca de um mês mais tarde do que no nível do mar. Assim, os gregos chegavam a Delfos na hora do despontar da constelação por lá.

REINALDO LOPES



Rumo a Delfos: o oráculo da cidade ajudava os gregos a tomar decisões importantes



Estas fotos podem estar sendo vendidas em sites piratas



©2

MERCADO NEGRO

Memória saqueada

Mais de mil fotos do Rio de Janeiro, feitas no começo do século passado, estão nas mãos de bandidos

A abertura das grandes avenidas, a construção de prédios suntuosos, a derrubada de antigos cortiços, o surgimento das primeiras favelas. Cenas como essas, que retratam a transformação do Rio de Janeiro na metrópole que é hoje, foram captadas pelas lentes de Augusto Malta, fotógrafo oficial da prefeitura do então Distrito Federal entre 1903 e 1936. E podem estar perdidas para sempre – foram roubadas recentemente do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

Augusto Malta nasceu em 1864, em Alagoas, e tornou-se mestre em registrar o cotidiano. Quando morreu, em 1957, deixou mais de 80 mil fotos, 2 600 negativos de vidro e 40 panorâmicos. As imagens, além da importância histórica, ganharam valor de mercado. Especialistas avaliam que uma original de paisagem custe até 30 mil reais. Em junho, 27 álbuns com mais de mil fotos feitas por Malta foram parar nas mãos de bandidos. A Polícia Federal suspeita que elas tenham sido vendidas em sites piratas de leilão sediados no Leste Europeu.

FABIO VARSANO

SAIBA MAIS

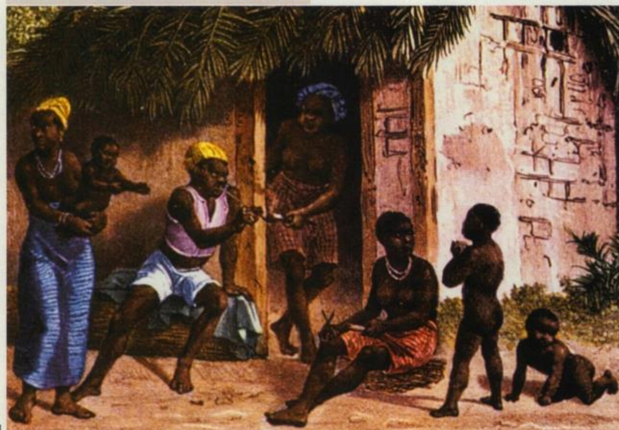


UMA SELEÇÃO DAS FOTOS DE MALTA ROUBADAS NO RIO DE JANEIRO

© 1 *PAISAGEM COM PROCISSÃO PARA DELFOS*/ CLAUDE LORRAIN (1600-82), GALERIA DORIA PAMPHILJ/ THE BRIDGEMAN ART LIBRARY
2 AUGUSTO MALTA/REPRODUÇÃO

ALMANAQUE

SETEMBRO NA HISTÓRIA



©1

EU ME LEMBRO

"Dia 28 de setembro de 1871, para sempre memorável nos fastos da história do Brasil (...). De hoje em diante, quantos nascerem nesta abençoada terra de Santa Cruz, todos nascerão livres; os primeiros vagidos do recém-nascido não serão o prelúdio do cativeiro, não serão mais gemidos de escravo, mas súplicas de um coitadinho a implorar caridade de seus benfeitores (...). Do seio escravo hão de nascer homens livres, e o sangue escravo não contaminará o berço de quem desse sangue foi gerado"

Carta do bispo **PEDRO MARIA DE LACERDA** a seus superiores

1871 Conhecida como Lei do Ventre Livre, a lei número 2040 é aprovada, determinando que todo filho de escrava nascido no Brasil a partir daquela data seria livre. A proposta havia sido feita quatro meses antes pelo gabinete conservador. A lei, porém, previa uma indenização para os senhores que criassem os jovens negros até os 8 anos de idade, para que eles não fossem abandonados, já que estavam livres. Esse valor poderia ser pago com serviços prestados pelas crianças até atingirem a maioridade, aos 21 anos, ou em dinheiro pelo Estado – grande parte dos donos de escravos escolheu a primeira opção. Apesar de ser considerada um passo importante na luta pela abolição, na prática a medida foi muitas vezes burlada com a alteração de datas de nascimento.

A lei libertava as crianças nascidas a partir de sua promulgação

Dia 28, no Rio de Janeiro

MARIA CAROLINA CRISTIANINI

31 a.C. Otávio, futuro imperador Augusto, vence com 400 embarcações a frota comandada por Marco Antônio e Cleópatra, na Batalha de Actium. A vitória, em meio à guerra civil romana, culminaria no fim da República.

Dia 2, na costa ocidental da Grécia

1297 Os reis dom Diniz, de Portugal, e Fernando IV, de Castela, assinam o Tratado de Alcanizes e definem as fronteiras entre os países, praticamente iguais até hoje.

Dia 12, na Espanha

LINHA DO TEMPO

A queda do muro

O último dia da construção que dividiu Berlim por 28 anos

Erguido em agosto de 1961, o muro de Berlim, que dividia a cidade em duas, foi o maior símbolo da Guerra Fria, que separou o mundo em dois blocos: os aliados dos Estados Unidos e os sob influência da União Soviética. Com a decadência desta última na década de 80, o muro caiu, em 9 de novembro de 1989. Era o fim da Guerra Fria.

MARIA DOLORES DUARTE

5H10

DEMISSÃO COLETIVA
Os jornais berlinenses circulam pela cidade dividida. As principais notícias se referem à demissão coletiva de membros da cúpula do poder comunista, entre eles o primeiro-ministro Willi Stoph, no dia 7 de novembro. Em 18 de outubro, o chefe de Estado da Alemanha Oriental e ícone de resistência à abertura política, Erich Honecker, já havia renunciado.

8H

TENSÃO PELA MANHÃ
A Alemanha comunista amanhece tensa, na expectativa do reflexo das demissões e da pressão da população. Cerca de 60 mil pessoas já haviam fugido para países do Ocidente, sobretudo para a Alemanha Ocidental, pela Hungria, desde a abertura das fronteiras do país vizinho, em setembro.

©1



17H30

DIA EM BRANCO
Apesar da pressão da população e da imprensa internacional, o governo permanece impassível e não há sinais de que algo vá acontecer. Não há sequer um pronunciamento durante todo o dia, como se nada estivesse ocorrendo. Para os alemães, parece que o dia vai terminar sem nenhuma novidade.

19H

PASSE LIVRE
Em uma entrevista coletiva, transmitida ao vivo pela emissora de TV alemã-oriental, o porta-voz do partido comunista, Gunther Schabowski, surpreende a todos e anuncia uma lei que permite aos cidadãos viajar para a Alemanha Ocidental livremente. A lei começava a vigorar, segundo ele, imediatamente.



1499 Dois anos após sua partida, Vasco da Gama regressa a Portugal com a notícia de que a Índia poderia ser alcançada pelo mar e é recebido de maneira triunfal pela corte. Embora tenha retornado com os porões das naus cheios de especiarias, Vasco levou de volta para Portugal vivos somente 55 dos 170 homens que partiram com ele.
Dia 18, em Lisboa

1620 Um grupo de 102 ingleses puritanos, conhecidos como Pais Peregrinos, parte de Plymouth a bordo do navio Mayflower rumo à América do Norte. O objetivo dos viajantes era fugir da perseguição religiosa e ocupar com suas famílias as terras conquistadas, as quais chamaram de Nova Inglaterra.
Dia 6, na Inglaterra

1822 Onze dias após a proclamação da independência de Portugal, dom Pedro I determina a criação do escudo real e da bandeira do Brasil Império.
Dia 18, no Rio de Janeiro

1906 Santos Dumont testa o 14 Bis sem a ajuda de elemento externo e percorre 7 metros no ar. O mesmo avião faria seu vôo histórico, em Bagatelle, mais de um mês depois.
Dia 13, em Paris

1969 Charles Burke Elbrick, embaixador americano no Brasil, é seqüestrado por opositores à ditadura. Foi solto três dias mais tarde, após 15 presos políticos serem libertados e um comunicado contra a ditadura ser divulgado pela imprensa.
Dia 4, no Rio de Janeiro

EU ME LEMBRO

“Pertencia à direção do MR-8 e participei diretamente da captura do embaixador, no Botafogo. Foi tudo tenso, principalmente quando a polícia, chamada por uma moradora que estranhou a movimentação, chegou ao local. Felizmente, nada viram. Naquele dia, senti que dávamos um passo decisivo para tirar da cadeia um número importante de companheiros, muitos com a vida em risco.”



FRANKLIN MARTINS, jornalista

©2

EU ME LEMBRO

“Na véspera da morte de Jimi Hendrix, lembro que tive um dia muito puxado de trabalho, com ensaios, e fui dormir cedo. Quando acordei, na manhã seguinte, recebi a notícia do que havia acontecido. Em agosto daquele mesmo ano, eu havia assistido a seu show no festival da ilha de Wight, na Inglaterra, e ainda guardava a genial apresentação dele intacta na minha cabeça. A influência de Jimi para mim aconteceu muito mais do que na música que eu faço – foi, principalmente, na minha vida. Sua morte foi como um pesadelo.”



RITA LEE, cantora

©1

1970 Aos 27 anos, morre o guitarrista americano Jimi Hendrix. O músico é encontrado em um quarto de hotel, onde passara a noite com a namorada, sufocado pelo próprio vômito. Ele teria misturado nove comprimidos do medicamento que tomava para combater a insônia com vinho.
Dia 18, em Londres

19H05

GOVERNO EM XEQUE
A declaração de Schabowski coloca o governo num beco sem saída e antecipa os planos de abrir as fronteiras. Na verdade, Schabowski havia acabado de chegar de viagem e recebeu a missão de anunciar a lei poucos minutos antes da coletiva. Não estava seguro sobre os detalhes práticos e, pressionado, falou de improviso.

19H10

MARCHA AO MURO
A notícia da abertura da fronteira se espalha rapidamente e a cidade entra em euforia. Depois de 28 anos sem poder passar para o lado ocidental, as pessoas saem de suas casas para ver de perto a abertura dos portões. Cerca de 1 milhão de cidadãos se reúnem no lado oriental da fronteira.

20H

RUAS TOMADAS
As ruas estão tomadas, sobretudo o centro de Berlim, com 500 mil pessoas diante do muro. De todo lado chega mais gente, a pé ou a bordo dos Trabants e Watburgs – carros de produção local, únicos que os alemães-orientais podiam adquirir –, de Berlim ou de outras cidades, como Leipzig. O governo ainda não sabe o que fazer.

22H15

PORTAS ABERTAS
Diante da multidão querendo passar, os policiais abrem os portões. Além dos policiais, havia 20 fiscais em cada posto. O portão de Bornholmer Strasse, no subúrbio, abre primeiro. Depois, o de Brandemburgo, no centro da cidade.

©1



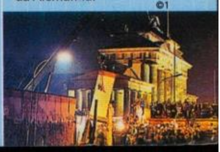
23H

O MURO É NOSSO
O muro está tomado. Alemães-ocidentais e orientais festejam. As pessoas sobem e dançam em cima do muro. Começam a se formar filas de carros para atravessar a fronteira, que chegam a mais de 100 quilômetros. A passagem só é permitida na manhã do dia seguinte, quando mais de 2 milhões de cidadãos do Oriente passam pela fronteira.

23H45

PICARETADA
Alemães tentam destruir o muro com picaretas e outras ferramentas. O gesto é apenas simbólico. Em 13 de junho de 1990, o governo manda 300 soldados, que levam seis meses para derrubar o muro. Em 3 de outubro, o chanceler Helmut Kohl decreta a reunificação da Alemanha.

©1





COMO FAZÍAMOS SEM...

Saquinho plástico

E você ainda reclama do peso das compras no supermercado?

Cestos e vasos eram tão pesados que ir às compras era uma prova de resistência física

É impressionante como a vida se tornou impraticável sem ele. Mas a soberania do saquinho plástico no planeta começou há pouco mais de 20 anos. Foi em 1982 que uma pesquisa do Instituto Gallup mostrou que o número consumido de sacolas plásticas suplantara nos Estados Unidos o das feitas de outros materiais.

Antes dele, as coisas não eram tão cômodas. Os ancestrais da sacolinha surgiram há cerca de 10 mil anos: cestos e balaios trançados com fibras vegetais na Mesopotâmia, no vale do Indo (Índia atual) e na América Central. Antes disso, por 2 milhões de anos, o homem se contentara com troncos ocos, conchas, carcaças de animais, folhas e artefatos de pedra para carregar alimentos.

O vaso de cerâmica, que possibilitava o transporte de substâncias líquidas, foi muito popular. Os primeiros surgiram há 12 mil anos, no Japão. A cerâmica era uma idéia tão boa que todas as civilizações um pouco mais sofisticadas a adotaram. As ânforas, vasos bojudos de gargalo estreito usados para o transporte de vinho, água e óleos, surgiram por volta de 900 a.C. na Grécia e se sofisticaram com o tempo – eram apenas um dos 24 tipos de vasos usados pelos gregos, e foram adotadas pelos romanos.

A forma de o homem carregar suas compras não mudou muito por toda a Idade Média e Renascença. Nos mercados venezianos do século 16, por exemplo, donas-de-casa e criados usavam pesados cestos de madeira. Um para frutas e legumes, outro para peixes e frutos do mar. As ânforas ainda eram usadas para o transporte do óleo de oliva.

O antecessor direto do saquinho plástico só surgiu em 1844. Era a sacola de papel, fabricada na Inglaterra. Foi um dos frutos da Revolução Industrial – e a primeira vez que o homem usava um produto descartável. "O impacto das mudanças foi tanto que alterou completamente o modo de vida por todo o mundo", diz o historiador Nicolau Sevcenko, da Universidade de São Paulo.

Em 1941, dois químicos ingleses descobriram o material plástico que iria desbancar a sacola de papel: o polietileno (do qual é feita a maioria dos saquinhos hoje em dia). Sua popularização se deu a partir dos anos 70, com a implantação de pólos petroquímicos fabricantes do polietileno. O saquinho plástico virou, assim, lugar-comum no mundo.

ÁLVARO OPPERMANN

© 1 NEGREIROS 2 MAURO SOUZA 3 JARBAS

DITO E FEITO

"As paredes têm ouvidos"

Expressão se originou de um antigo provérbio persa

Tanto ocidentais quanto orientais concordam com a expressão que alerta para os perigos de sermos escutados sem saber. O dito existe, nessa mesma forma, em línguas como alemão, francês e chinês. Sua origem remonta a um antigo provérbio persa que dizia: "As paredes têm ratos, e ratos têm ouvidos".

Um dos primeiros registros de provérbio semelhante em inglês aparece no clássico medieval *The Canterbury Tales*, escrito por Geoffrey Saucer entre 1387 e 1400. Saucer descreve algo como "aquele campo tinha olhos, e a madeira tinha ouvidos" em um dos contos.

A expressão ganhou um sentido quase literal, que pode ser testemunhado até hoje em castelos medievais e, principalmente, palácios renascentistas. Muitos deles – como o Palácio dos Doges, em Veneza, Itália – escondem dutos e aberturas pelas paredes, construídas na época para possibilitar a audição, em outras salas, de encontros políticos a portas fechadas.
ADRIANA LUI

"Dar uma canja"

Iniciais do Clube dos Amigos do Jazz originaram o dito

Nos anos 60, o Clube dos Amigos do Jazz, entidade brasileira formada por fãs do gênero, era conhecido pela sigla Camja. Um dos costumes dos membros do clube era deixar seus instrumentos à disposição. Assim, os freqüentadores do local podiam se aventurar em apresentações de improviso. De "tocar no Camja" para "dar uma canja" foi um pulo – e hoje todo músico que participa, de graça, de uma apresentação não planejada está "dando uma canja".

Corre entre músicos outra história para explicar a expressão: ela teria vindo da famosa distribuição de sopa feita aos mais pobres aqui no Brasil. Assim como o prato era distribuído gratuitamente, os artistas que não recebiam para subir ao palco estavam "dando uma canja". A.L.



Entre os membros do clube, o improviso era bem-vindo

©2

HISTÓRIA MALUCA

TROCA-LETRAS


©3

O imperador Tibério (42 a.C.-37) não é um dos mais lembrados por seus feitos políticos ou militares. Segundo o historiador romano Suetônio, em *A Vida dos Césares*, notável mesmo era sua capacidade de beber. Conta ele que entre os soldados do imperador rolava um apelido que era um jogo de palavras com seu nome. Tiberius Claudius Nero era chamado de Biberius Caldius Mero – algo como "autêntico bebedor de vinho".

SANTA IGNORÂNCIA

Certa vez, em uma ida à biblioteca do palácio em Versalhes, o francês Luís XIV, o Rei Sol, passou a fazer perguntas sobre o conteúdo dos livros, filosofia e política ao responsável pelo local. Impressionado com o número de respostas "não sei", o rei disse: "Pois se é tanta sua ignorância, por que lhe pagam?" O bibliotecário respondeu: "Em função daquilo que eu sei. Se tivessem que me pagar pelas coisas que ignoro, não haveria dinheiro suficiente no reino da França".

SANTA IGNORÂNCIA 2



©3

Dizem que, ao terminar *Ulisses*, o irlandês James Joyce alegou ter escrito "algo para deixar os experts em literatura ocupados por 300 anos". Se não foi fácil entender a obra, tampouco foi publicá-la. Nos Estados Unidos – onde saiu pela primeira vez, em 1918, em capítulos na revista *Little Review* –, nenhuma gráfica aceitava imprimir os textos, considerados imorais e pornográficos. Para conseguir lançar a obra, contrataram um gráfico sérvio, que não entendia uma palavra em inglês.
CELSO MIRANDA



©1

Gravura mostra a comemoração, em Nova York, do centenário da independência americana, em 4 de julho de 1876

VOCÊ SABIA

Independência ou nada

Nos países que foram colônia, data da libertação é a mais importante

O dia da proclamação da independência é a principal data cívica comemorada pelos países que, algum dia, já foram colônia. Em alguns casos, como na Argentina, o processo de emancipação chega a merecer dupla homenagem. Tem festa em 25 de maio (em 1810, houve a formação da Primeira Junta de Governo Pátrio) e em 9 de julho, quando a autonomia foi finalmente reconhecida pela Espanha seis anos depois.

Outros países da América – incluindo os Estados Unidos e seu 4 de Julho e o nosso 7 de Setembro – cultivam o entusiasmo frente ao fim da subordinação. "As lutas pela independência das colônias americanas foram um processo longo, caracterizado por duros embates", diz Gabriela Pellegrino Soares, professora de História da América da Universidade de São Paulo. "A idéia de associar a independência ao processo de formação de uma identidade nacional diferente da da metrópole sempre foi estimulada."

O cenário não muda em continentes como África ou Oceania. Na Argélia, por exemplo, a independência foi formalizada após um plebiscito em 1º de julho de 1962. Mas a data comemorada é 1º de novembro – dia em que, oito anos antes, começaram as batalhas contra o domínio francês.

JULIANA PARENTE

Em nome do Pai

Nas ex-metrópoles, principais feriados são os religiosos

Já Inglaterra e Espanha, países que foram metrópoles, têm em comum a influência religiosa em seus feriados nacionais. Na Inglaterra, a data mais importante desde 1415 é 23 de abril, dia de São Jorge, patrono dos cavaleiros e dos arqueiros. A principal festa espanhola é em 12 de outubro. Foi nessa data, no século 13, que Nossa Senhora do Pilar teria aparecido sobre uma coluna para São Tiago, em Zaragoza. No mesmo dia, em 1492, Cristóvão Colombo chegou à América. Já em Portugal, as duas festas mais importantes são celebradas em 10 de junho, data em que morreu o poeta Luís Vaz de Camões, e em 1º de dezembro – quando, em 1640, houve a restauração de sua independência após 60 anos de União Ibérica, a união das coroas de Portugal e Espanha. J.P.

Dias nacionais

Os feriados pelo mundo

A LIBERDADE É AZUL
Na França, a Queda da Bastilha, que deu início à Revolução Francesa, é lembrada em 14 de julho.

VIVA LA REVOLUCIÓN
A festa mais comemorada em Cuba é em 26 de julho, data do início da Revolução Cubana, em 1953.

COMUNISMO CHINÊS
A República Popular da China, criada em 1º de outubro de 1949, originou o feriado mais importante do país.

DÚVIDA CRUEL

Como se contavam os anos antigamente?

Desde que começou a plantar, há 10 mil anos, o homem marca a passagem do tempo

Dez mil anos atrás, os primeiros agricultores da África e do Oriente Médio começaram a contar o tempo em função das mudanças das estações. E notaram que o movimento dos astros estava relacionado a isso. Os babilônios e os gregos ligaram o ciclo da Lua à contagem do tempo – aliás, os primeiros já dividiam seu dia em 24 horas no século 5 a.C. Só que, como as estações do ano têm relação com o movimento da Terra em torno do Sol (e não da Lua em torno da Terra), ocorria uma defasagem de cerca de dez dias. Por isso, eles adicionavam um mês extra ao calendário de vez em quando.

Os egípcios foram os primeiros a usar o Sol para medir o tempo, há 6 mil anos – o calendário deles, de 3750 a.C., é considerado o primeiro da humanidade, com 12 meses de 30 dias e 5 dias adicionais para adorar os deuses. Era o Nilo que os auxiliava. Quando o rio atingia seu volume máximo, os egípcios sabiam que era verão. E, percebendo que o Sol completa um ciclo de um verão a outro, contaram os dias entre as cheias para marcar quantos dias tinha o ano.

Em Roma, as datas eram imprecisas até a época do romano Júlio César (100 - 44 a.C.), que fez algumas modificações no calendário egípcio. O que usamos hoje é o gregoriano, similar ao juliano. Já em alguns países do Oriente, como na China, os anos eram marcados pelos reinados. O espaço de tempo era determinado pelo período que o imperador permanecia no trono.

MÁRIO ARAUJO



Para os egípcios, o rio Nilo era a referência temporal

©2

Qual a origem do nome dos dias da semana?

De acordo com a língua, vale a ordem numérica ou a homenagem aos astros

Em português, o negócio é meio literal. Os dias da semana são numerados. Segunda é o segundo dia. Terça, o terceiro. E assim por diante. Sábado é derivado do termo hebreu *shabbat*, que é o dia do descanso na religião judaica, e domingo vem do latim *Dies Dominic*, que significa Dia do Senhor. "A palavra 'feira' tem origem em 'féria', que indica a remuneração pelo dia de trabalho", diz Regina Helena Porto Francisco, professora da Universidade de São Paulo e autora de artigos sobre o assunto.

Em francês, italiano e espanhol, os nomes dos dias da semana estão relacionados à visão divino-mitológica dos planetas, estrelas e satélites: Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter e Vênus são os responsáveis pela nomenclatura de segunda a sexta. Sábado e domingo seguem a mesma lógica do português. Em inglês, os nomes derivam de figuras da mitologia anglo-saxã, associadas aos deuses da mitologia romana: Tiu (Marte), Woden (Mercúrio), Thor (Júpiter) e Freya (Vênus) viraram, respectivamente, *Tuesday* (terça), *Wednesday* (quarta), *Thursday* (quinta) e *Friday* (sexta). Sábado e domingo têm a ver com Saturno e Sol (*Saturday* e *Sunday*). M.A.

A fuga mais famosa de Alcatraz

Como três ladrões de banco escaparam da prisão mais segura do mundo

Construída em 1934, a prisão federal de Alcatraz, apelidada de A Rocha, abrigou os mais perigosos criminosos americanos do seu tempo. Cravada na ilha de mesmo nome, na Califórnia, Estados Unidos, foi construída para que ninguém conseguisse fugir. Mas, em 11 de junho de 1962, os ladrões de bancos Frank Morris e John e Clarence Anglin burlaram o sistema de segurança. Não se sabe se eles chegaram em terra firme. A polícia desistiu das investigações décadas depois e os declarou mortos. Mas os corpos nunca foram achados.

A prisão de Alcatraz foi fechada em 1963. Seu alto custo de manutenção não a viabilizava: por volta de 10 milhões de dólares mensais, mais que o dobro da média do sistema prisional. A solução foi investir em novas detenções. Em 1973, ela foi aberta para visitação do público, com passeios monitorados.

DANILA MOURA

SAIBA MAIS

FILME
Fuga de Alcatraz, de Don Siegel, Estados Unidos, 1979

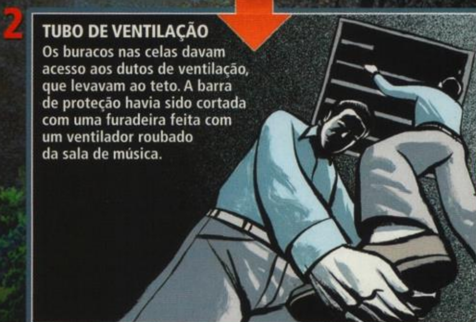


AS FICHAS DOS TRÊS LADRÕES E AS INVESTIGAÇÕES QUE O FBI FEZ SOBRE A FUGA

A grande escapada

Só havia oito horas para fugir, entre as contagens das 9h da noite e 5h da manhã





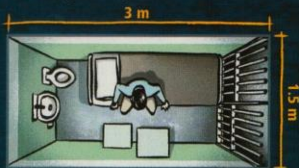


Esquema espartano

Presos ficavam sozinhos e eram vigiados por câmeras até no subsolo

ISOLADO DO MUNDO

Cada um dos 260 prisioneiros ficava sozinho na cela. As visitas eram controladas – no máximo duas por mês. Acusados de indisciplina iam para a solitária – lá, ficavam pelados no escuro. Banho, só frio e dois por semana. Havia 12 contagens por dia.



À PROVA DE FUGA

A baía de São Francisco, que cerca Alcatraz, tem águas geladas (cerca de 7 graus) e com fortes correntes marítimas. A geologia da ilha também dificultava as fugas. Ela é basicamente uma pedra gigante, à prova de escavações.



4 PULANDO A CERCA

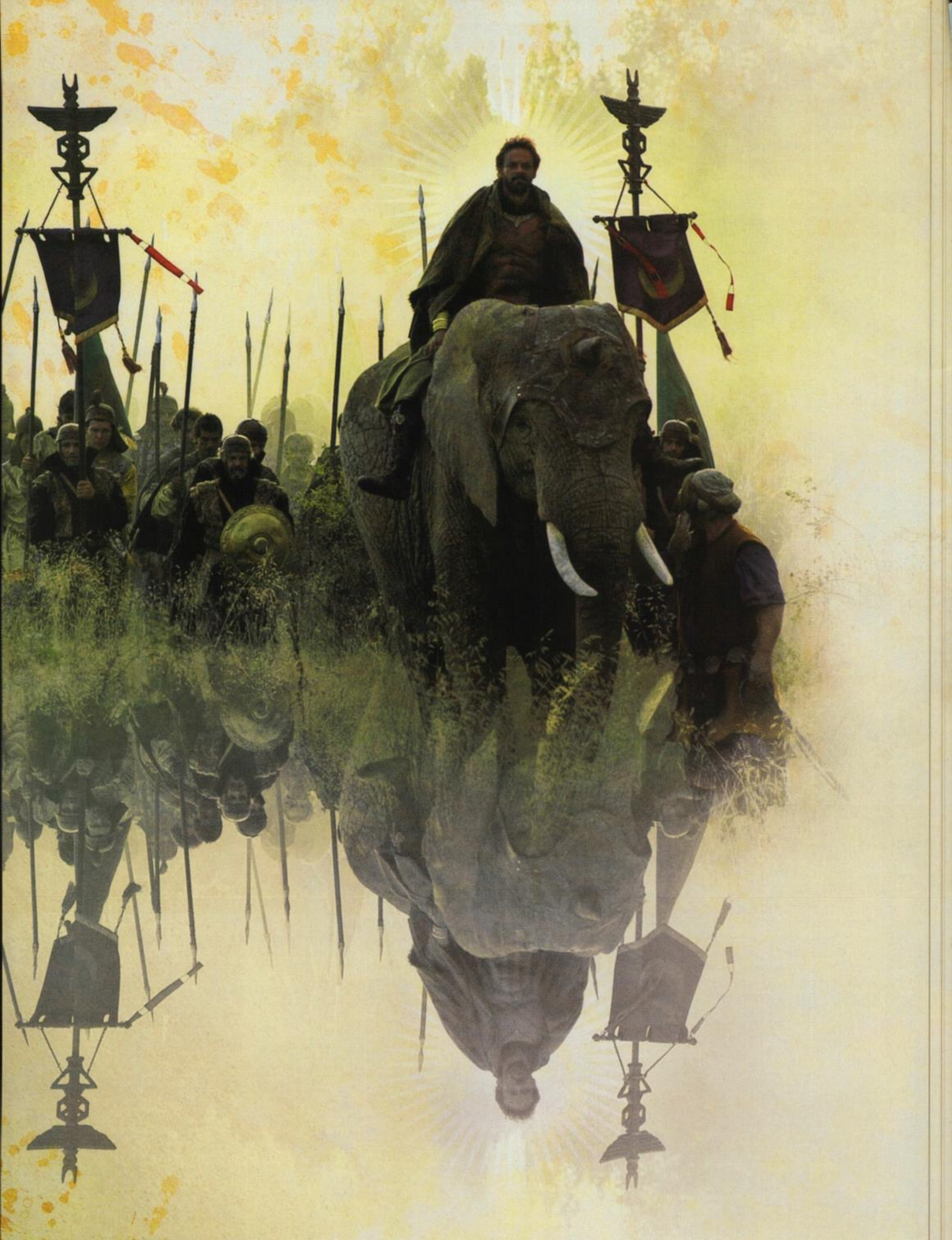
Eles pularam uma cerca de arame farpado e foram para o mar, com os botes e coletes feitos com capas de chuva. Para despistar os guardas, deixaram cabeças feitas com páginas de revista e com cabelo de verdade em suas camas.



5 FORA DE VISTA

Soprando, os três encheram os botes e entraram nas geladas águas da baía batendo perna. A falta dos presos só foi sentida às 5h da manhã, durante a contagem do dia seguinte.





CAPA

A VOLTA DO IMPERADOR

Novas pesquisas revelam um lado fascinante de dom Pedro I, o homem que criou o Brasil e se tornou um estadista liberal após abdicar do trono e retornar a Portugal, onde morreu como Pedro IV

POR REINALDO LOPES E RODRIGO CAVALCANTE **DESIGN** DÉBORA BIANCHI **ILUSTRAÇÕES** JUBRAN

Desde criança, todo brasileiro está acostumado a ver dom Pedro I de pelo menos duas maneiras. A primeira é aquela dos livros didáticos, com sua pose sisuda, porte imperial e tão (pouco) atraente como uma estátua mal conservada em praça pública. A segunda versão, mais popular, é a do dom Pedro intempestivo, mulherengo, uma espécie de *latin lover* (se você tem mais de 30 anos, provavelmente lembra do então galã Tarcísio Meira no filme *Independência ou Morte*, reprisado inúmeras vezes na *Sessão da Tarde* durante a década de 1980). Enfim, o português temperamental que proclamou a independência em um acesso de fúria à margem do rio Ipiranga, em meio a um forte desarranjo intestinal.

O que pouca gente sabe é que, entre essas duas versões, há outra face de dom Pedro bem menos conhecida no Brasil que só agora começa a ser resgatada. "Ele se tornou um símbolo de liberdade na Europa na década de 1830", diz Isabel Vargues, professora de História da Universidade de Coimbra, em Portugal. "Em meio a inúmeros monarcas conservadores que estavam de volta ao poder nesse período, Pedro IV foi considerado um estadista moderno que inaugurou um período liberal no país." (Não estranhe: "Pedro IV" é como nosso dom Pedro I passou a ser chamado pelos portugueses após ser proclamado rei em sua terra natal.)

E não é apenas em Portugal que a trajetória de dom Pedro I está sendo revisitada. Aqui mesmo, no Brasil, novas pesquisas e biografias estão revelando um lado fascinante do homem que conseguiu transformar a América Portuguesa em uma única nação, destino bem diferente do da América Espanhola – que se fragmentou em várias repúblicas.

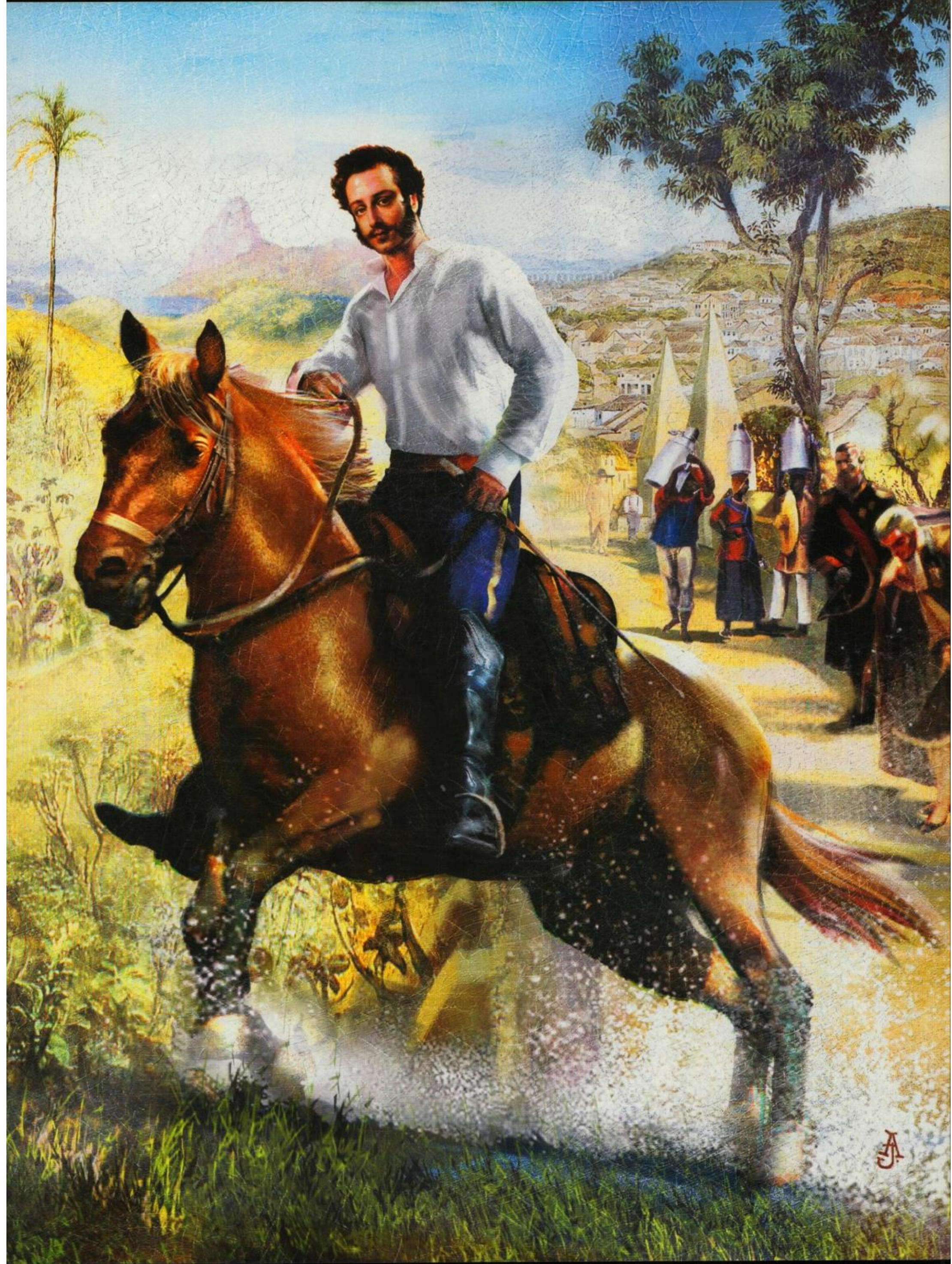
Isso não significa, é claro, que dom Pedro esteja sendo conduzido ao posto de guia moral da história do Brasil. De fato, ele teve várias amantes *(leia quadro na pág. 26)* e é bastante confiável a possibilidade de que ele tenha tido crises de diarréia em meio à proclamação da independência. Mas o realce que uma parcela da população e de historiadores continua a dar a esses aspectos picarescos parece apenas confirmar o prazer que sentem os brasileiros em reduzir os feitos de nossos vultos históricos. Afinal, é difícil imaginar que um americano ponha em xeque a grandeza de John Kennedy devido às suas escapadas conjugais (como a que teve com a atriz Marilyn Monroe). Tampouco seria fácil encontrar um francês diminuindo a grandeza de Napoleão por causa de algum mal-estar intestinal em meio a uma de suas batalhas – algo bem provável de ter acontecido.

"Não se trata de negar defeitos do caráter de dom Pedro I, mas de reconhecer que ele foi um estadista avançado quando comparado aos seus pares da época", diz Braz Brancato, professor de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e estudioso da vida de dom Pedro após sua volta para a Europa. "Além disso, ele conseguiu governar em um dos períodos mais turbulentos para os regimes monárquicos, que estavam caindo a todo momento."

O PEQUENO PRÍNCIPE

A vida de dom Pedro começa em um quarto no Palácio de Queluz, residência da família real portuguesa, cujas paredes estavam decoradas com cenas do clássi- »

Dom Pedro cresceu tão livre quanto qualquer jovem carioca da época



A partir de 1820, dom Pedro tornou-se porta-voz de ideais liberais

» co *Dom Quixote de la Mancha*. Foi ali que Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Serafim de Bragança e Bourbon (ufa!) nasceu, em 12 de outubro de 1798.

Apesar do nome portentoso, aquela não era uma boa hora para um príncipe de Portugal nascer. Na época, o país estava encurralado entre duas potências. De um lado, a antiga aliada Inglaterra, dona da mais temida marinha do mundo. Do outro, a França de Napoleão Bonaparte, que havia acabado de invadir a Espanha e exigia que Portugal fechasse seus portos para os ingleses. No aperto, dom João optou pela Inglaterra, a aliada tradicional. O resto você já sabe: a corte portuguesa foi transferida para o outro lado do Atlântico em 1808 e o Brasil jamais seria o mesmo.

A família se adaptou logo à vida por aqui, incluindo o pequeno Pedro. Cercado de tutores encarregados de prepará-lo para ser o sábio sucessor do pai, o pequeno príncipe acabou tendo uma infância tão movimentada quanto a de qualquer moleque carioca da época. Ir-

Todas as mulheres do Imperador

Fidelidade não era mesmo o forte de dom Pedro I

Fazer a conta de quantas mulheres passaram pela cama de dom Pedro ao longo de sua curta mas apimentada vida é um desafio temerário. Até porque boa parte de seus casos não veio a público. Basta dizer que 18 filhos seus estão oficialmente registrados, tidos com duas esposas (Leopoldina e Amélia) e cinco amantes. Ele não costumava perdoar mulheres da mesma família: deu suas escapadas com uma das irmãs da marquesa de Santos, sua amante mais famosa, bem como com a dançarina Noemi Thierry e a irmã da própria. Ninguém ainda conseguiu explicar muito bem o que dom Pedro viu na marquesa – que se chamava Domitila de Castro e originalmente não era de família nobre coisa nenhuma, e só foi ganhando títulos e mais títulos pelas boas graças dele. Segundo quase todos os contemporâneos, não era muito bonita, e já tinha se separado do primeiro marido por ter sido



Leopoldina, mãe de dom Pedro II, foi traída várias vezes

reverente, divertia-se dando pancadas no queixo dos meninos que vinham beijar-lhe a mão. Fascinado por armas, caçava à vontade. Adorava andar a cavalo, tocava vários instrumentos musicais e gostava do trabalho manual. Orgulhava-se de seu talento como marceneiro e ferreiro, atividades, à época, consideradas "próprias para escravos". Mas ele não ligava: costumava conversar horas com criados.

Esse convívio popular atraía comentários não muito elogiosos. Nobres francesas reconheciam que ele era um rapagão bonito – de acordo com as más línguas, a única pessoa bonita de toda a casa real de Bragança –, mas abominavam suas roupas e seus modos. Mesmo assim, ao completar 18 anos, o príncipe era considerado um dos maiores conquistadores do Rio de Janeiro.

Era hora, então, de arrumarem uma nobre noiva para dom Pedro. E bota nobre nisso: a jovem arquiduquesa (ou apenas "princesa") Leopoldina Carolina era filha do imperador Francisco I, líder do Império Austro-Húngaro – nessa época, uma potência. Os dois não podiam ser mais diferentes: enquanto dom Pedro preferia andar com amigos de origem simples, Leopoldina era muito refinada, tinha sólida formação científica (era craque em mineralogia) e havia sido amiga do poeta alemão Johann W. Goethe e do compositor austríaco Franz Schubert. Como a irmã de Leopoldina tornara-se esposa de Napoleão, dom Pedro se tornou concunhado do homem que obrigou sua família a fugir de Portugal. Apesar das diferenças, Leopoldina ficou de queixo caído no primeiro encontro com o noivo. Eis o que ela escreveu numa carta sobre a primeira refeição a dois entre eles: "Conduziu-me ao salão de jantar, puxou a cadeira e, enquanto comíamos, piscou-me o olho e enlaçou a perna dele na minha debaixo da mesa".

CRISE EM PORTUGAL

Apesar do casamento, a paz da família real no Rio estava com os dias contados. Desde 1815, com a derrocada de Napoleão, a desculpa que a corte tinha usado para se mudar para o Brasil não se sustentava mais. Dom João (agora João VI, graças à morte de sua mãe, Maria I) não só se recusava a voltar como havia transformado a ex-colônia em reino unido a Portugal, sacramentando o Brasil como sede do império português. A capital carioca havia deixado de ser uma vila acanhada de uns 40 mil habitantes para virar uma metrópole de mais de 100 mil.

Quem não estava achando essa história nada engraçada eram os portugueses. Eles haviam perdido o domínio político sobre o Brasil, viviam uma crise econômica (gerada, em parte, pelo fim do monopólio comercial sobre a colônia) e estavam submetidos a uma humilhante ocupação militar inglesa. Adicione a esse caldo uma pitada das idéias da Revolução Francesa, que ainda repercutiam em toda a Europa, e o resultado foi a chamada Revolução Constitucionalista do Porto, em 1820. Os revolucionários convocaram eleições e exigiram uma Constituição para Portugal, limitando os poderes absolutos do rei. Para isso, determinavam que o soberano voltasse.

Dom João VI não sabia se ia, se ficava ou se mandava dom Pedro. Tudo indica que ele temia o interesse do filho pelas idéias liberais e que, uma vez em Lisboa, ele fosse aclamado rei pelos revolucionários. O herdeiro, por sua vez, ressentia-se da desconfiança do pai. Em meio à crise, dom Pedro acabou se tornando porta-voz das reivindicações constitucionais junto ao pai, convencendo-o a jurar lealdade à Constituição.

Quando dom João VI decidiu retornar, em março de 1821, dom Pedro tornou-se príncipe regente do Brasil. Pou- »

infiel a ele. Mas o fato é que o imperador não só trocou cartas apaixonadas com ela durante sete anos (chamava-a de "Titília" e chegou a dedicar-lhe alguns versos de valor literário duvidoso) como deu cargos e títulos de nobreza para a família inteira de Domitila. A filha mais velha dos dois ganhou o título de duquesa de Goiás. A mãe da marquesa, dona Escolástica, era chamada de "velha querida do meu coração" pelo imperador. O casal brigou de vez, após uma série de idas e vindas, quando dom Pedro decidiu casar-se novamente, com dona Amélia, então com 17 anos e, ao que consta, uma das princesas mais belas da Europa. Dona Amélia parece ter sido a única mulher que conseguiu botar um freio no sujeito, embora ele tenha dado suas escapadas durante a fase que passou exilado em Paris. Há indícios de que não foi só por virtude que ele deu essa sossegada no fim da vida. Numa carta de 1830 a Antônio Teles, o imperador relata seu "propósito firme de não... *(insira aqui seu verbo preferido para designar o ato sexual)* senão em casa, não só por motivos de religião, mas até porque para o pôr assim *(desenho de um pênis ereto)* já não é pouco dificultoso". E, em outra carta, endereçada à marquesa de Santos: "Desgraçado daquele homem que uma vez desconcerta a máquina triforme *(o pênis)*, porque depois, para tornar a atinar, custa os diabos".



A marquesa de Santos foi a amante mais famosa do imperador



Com a segunda mulher, Amélia, dom Pedro ficou mais comportado

O grito em cores

A tela *Independência ou Morte* foi pintada entre 1886 e 1888 por Pedro Américo



COMO TODOS NÓS
Dom Pedro é o protagonista da ação. Ele está usando chapéu, sem coroa. "Isso o identifica com um civil, alguém que faz parte do conjunto da sociedade", afirma a historiadora Cecilia Helena de Salles Oliveira, da Universidade de São Paulo.

PERPLEXIDADE
Um carreteiro, puxando um carro de boi, e um tropeiro representam o povo. O contraste entre eles e a comitiva foi a forma que Pedro Américo encontrou de mostrar as diferenças sociais no fim do século 19. O carreteiro, humilde, olha e parece não entender o que vê.

ADEUS, PORTUGAL
Um dos militares arranca sua insígnia com as cores vermelha e azul, que representavam o Reino Unido de Brasil e Portugal. O outro a lança para cima. "Na cena, Pedro Américo procurou ressaltar o rompimento em relação a Portugal", afirma Cecilia.

ÀS MARGENS PLÁCIDAS
Esta é a única representação da independência que mostra o exato local onde ela aconteceu: o riacho do Ipiranga. "A pata de um dos cavalos evidencia a água do Ipiranga ao fazê-la espirrar", diz Cecilia. "O quadro marca o local do nascimento da nação – São Paulo."

» co antes da partida do pai, ele tomou sua primeira medida antipopular: mandou reprimir com baionetas tumultos causados por protestos contra medidas impostas por Portugal. Pelo menos três pessoas morreram no episódio.

INDEPENDÊNCIA

Em Portugal, dom João VI tornou-se uma figura decorativa. Quem governava, de fato, era a Assembléia – e suas medidas atingiam em cheio o orgulho brasileiro. "O projeto dos portugueses mais exaltados parecia ser a redução do Brasil ao estado colonial, numa situação política e econômica mais desvantajosa que a de antes da vinda do rei", diz Isabel Lustosa, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, e autora da biografia *Dom Pedro I*. A partir de então, Portugal decidiu que cada província do Brasil teria um governo autônomo que responderia diretamente a Lisboa, enfraquecendo o poder do príncipe regente. Para piorar, Lisboa enviou tropas ao Brasil que deviam submissão direta ao governo português.

Dom Pedro estava dividido. De um lado, era inclinado a manter-se fiel a Portugal. Do outro, era atraído pelos panfletos e boatos que anunciavam que seria aclamado rei ou imperador do Brasil, caso rompesse com Lisboa. Um decreto luso exigindo que o príncipe voltasse à Europa, onde deveria viajar por vários países para "terminar sua educação", fez com que ele enfrentasse diretamente as ordens da corte e decidisse permanecer no Brasil. Foi o Dia do Fico, em 9 de janeiro de 1822. Estava aberto o caminho para a independência.

Na tarde do dia 7 de setembro, ao voltar de uma viagem à capital paulista para apaziguar disputas políticas, a comitiva de dom Pedro foi alcançada na colina do Ipiranga pelo serviço de correio da corte. As notícias não eram nada boas: a Assembléia portuguesa exigia a demissão de todos os ministros nomeados por dom Pedro e ameaçava fazer uma devassa em todos os atos do príncipe.

Segundo um dos membros da comitiva, o padre Belchior (o mesmo que narrou que dom Pedro estava sofrendo uma disenteria "que o obrigava o tempo todo a apear-se para prover"), dom Pedro pisoteou as cartas vindas de Portugal, arrancou do chapéu o laço com as cores lusitanas e teria dito as famosas palavras: "Laços fora, soldados. Viva a independência, a liberdade e a separação do Brasil", declarando que o lema do país seria "Independência ou Morte".

Em 12 de outubro, dom Pedro I é aclamado imperador e defensor perpétuo do Brasil. Mas, diferentemente do que muita gente imagina, a independência do país não foi feita apenas com o grito no Ipiranga. Ao cortar os laços com Portugal, o Brasil, na prática, declarou guerra à ex-metrópole. Sangue foi derramado em diversas regiões – em algumas províncias, como na Bahia, a independência só seria conquistada quase um ano depois *(leia quadro ao lado)*.

CONSTITUINTE

Após a independência, prevalecia o consenso de que o Brasil precisava de uma Constituição própria. Apesar de defender princípios liberais, dom Pedro temia que o poder da Assembléia Constituinte eleita em 1823 ameaçasse seu governo, o que poderia também levar à fragmentação do Império. Após se sentir desafiado pelos parlamentares oposicionistas, ele dissolveu a Assembléia em novembro e, em março de 1824, outorgou uma Constituição elaborada por um conselho de dez membros que ele mesmo indicara.

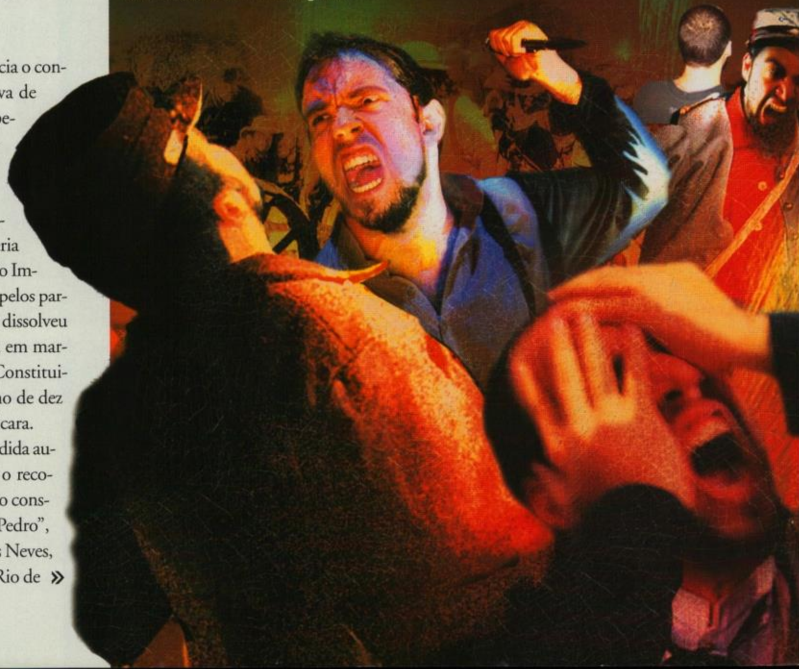
"Por muito tempo, essa medida autoritária terminou ofuscando o reconhecimento do avanço do texto constitucional imposto por dom Pedro", diz a historiadora Lucia Bastos Neves, da Universidade Estadual do Rio de »

Independência e... morte

Violentos conflitos marcaram nossa libertação de Portugal

Para muitos brasileiros que não nasceram na Bahia, a data 2 de julho não significa muita coisa além do antigo nome do Aeroporto Internacional de Salvador (que hoje é chamado Luiz Eduardo Magalhães). Foi nessa data, em 1823, que as tropas brasileiras retomaram a cidade de Salvador, até então ocupada pelo exército português. É que mesmo com a declaração da independência, em 1822, o Brasil não se livrou das tropas portuguesas. Nas províncias da Bahia, Maranhão, Piauí, Grão-Pará e Cisplatina (atual Uruguai), as tropas permaneceram fiéis a Lisboa. Isso era natural, já que, na época, a maior parte da oficialidade brasileira era formada por portugueses e descendentes. Por causa disso, muitas vidas se perderam para que os laços fossem rompidos. "A independência do Brasil não foi um processo pacífico, como se costuma afirmar", diz a professora Lucia Neves, da UERJ. "É claro que os conflitos não foram tão sangrentos como na América Espanhola, mas houve batalhas sérias em várias regiões."

A chamada Guerra da Independência, que se estendeu de 1822 a 1823, só foi vencida pelos brasileiros depois que o ministro José Bonifácio de Andrada e Silva ordenou a compra de armas e navios e a contratação de tropas estrangeiras para lutar ao lado dos brasileiros. O almirante inglês lorde Cochrane, que já havia prestado seus serviços ao Chile na luta contra a Espanha, teve um papel decisivo ao comandar as esquadras brasileiras no combate à marinha portuguesa. Foi ele o responsável pelo bloqueio marítimo ao porto de Salvador, por exemplo, que impediu o desembarque de tropas na Bahia que iriam servir de reforço aos portugueses. Sem ajuda externa, os portugueses foram encurralados e terminaram expulsos da capital baiana em 2 de julho, data da independência na Bahia.



Depois do 7 de Setembro, os portugueses resistiram quase um ano na Bahia


CAPA

» Janeiro. A nova Constituição incluía direitos pouco comuns para a época, como a liberdade de crença e culto concedida a adeptos de religiões não-cristãs. Por outro lado, garantia ao imperador poderes excepcionais. Além de ser o chefe do Executivo, ele detinha também o chamado Poder Moderador, com o qual podia resolver impasses entre os demais poderes com mão de ferro e dissolver o Congresso quando quisesse.

A decisão causou revolta. Lideradas por Pernambuco, várias províncias do Nordeste se rebelaram contra o que consideraram um ato de tirania, formando a chamada Confederação do Equador. A repressão foi implacável e vários chefes rebeldes, entre eles Frei Caneca, foram executados. A revolta foi seguida por outra, no extremo sul do Império: a província da Cisplatina (atual Uruguai), anexada por dom João VI, rebelou-se com ajuda da Argentina. A guerra acabou em 1828, com o reconhecimento do Uruguai como país independente.

Outros desastres, dessa vez na vida doméstica, foram minando a popularidade do soberano. O principal deles foi o triste fim de seu casamento com dona Leopoldina. Dom Pedro chegou muito perto de assumir em público seu romance com Domitila de Castro, a marquesa de Santos, com quem teve vários filhos reconhecidos. O pior, porém, é que transformou a amante em dama de honra da imperatriz. Dona Leopoldina sofreu uma série de crises depressivas. Grávida, teria sido agredida a pontapés pelo próprio marido ao se recusar a entrar num salão de baile acompanhada de Domitila. Acabou morrendo em dezembro de 1826.

Com a morte de dom João VI no mesmo ano, o imperador se viu envolvido na sucessão do trono português. Acabou designando sua filha adolescente, dona Maria da Glória, como rainha de Portugal, combinando o casamento dela com o tio, dom Miguel, nomeado regente. Tiro pela culatra: Miguel assumiu o poder como rei absoluto de Portugal e mandou o irmão às favas.

Por aqui, as hostilidades entre brasileiros e portugueses fizeram com que dom Pedro percebesse que os nativos sempre o veriam com desconfiança por seus laços congênitos com Portugal. A imprensa atacava dom Pedro violentamente, o povo protestava nas ruas. Como seu filho, Pedro, havia nascido no Brasil, o imperador deu sua última cartada para que o Brasil não se esfacelasse, abdicando do trono em nome de uma criança de 5 anos de idade (que, coroado em 1841, seria o último imperador do Brasil).

PEDRO IV, O LIBERAL

Para nós, brasileiros, a história de dom Pedro costuma terminar por aqui, com seu retorno à Europa. Mas foi ao partir para o exílio, em 1831, então já casado com dona Amélia, uma princesa alemã, que ele viveu uma espécie de renascimento e se tornou um ícone da liberdade na Europa. Havia vários motivos para que dom Pedro fosse encarado dessa maneira. O primeiro deles era sua defesa da volta de um governo constitucional às terras lusas, governada então despoticamente por seu irmão Miguel. "Naquela época, não era comum que um monarca se empenhasse em garantir direitos constitucionais", diz Braz Brancato. Segundo o historiador, isso fazia com que ele fosse visto com desconfiança por seus pares da Santa Aliança, grupo de monarquias conservadoras cristãs que incluía Rússia, Áustria e Prússia (hoje na Alemanha).

Ao se instalar em Paris com parte da família, dom Pedro tornou-se uma das personalidades mais populares da capital francesa, sendo recebido com deferência nos elegantes bailes da corte. A França vivia uma onda liberal marcada pela ascensão do rei constitucional Luís Filipe e dom Pedro chegou a morar em um castelo real, onde recebia exilados de Portugal e de outros países que sofriam sob a mão de monarcas despóticos.

Nesse período, ele buscou apoio militar para invadir Portugal e destituir seu irmão, fazendo de sua filha a rainha de Portugal. Apesar do apoio verbal, nenhum dos reinos europeus quis se envolver oficialmente com a briga. Foi só com empréstimos pessoais (para pagar mercenários) e certo número de voluntários portugueses e franceses que dom Pedro partiu para sua derradeira aventura. Liderando um exército de 7 mil homens, ele foi para Portugal, onde teria que enfrentar dezenas de milhares de soldados comandados por dom Miguel.

Incansável e se arriscando pessoalmente nas batalhas, ele inspirou seus soldados de tal maneira que o que parecia impossível aconteceu: em 20 de setembro de 1834, Portugal passava às mãos da nova rainha, dona Maria II. "Ela e seu filho, Pedro V, iriam inaugurar a fase moderna e constitucional da monarquia portuguesa", diz Isabel Vargues.

O ex-imperador do Brasil não viveu muito para acompanhar o governo da filha. A guerra acabara também com sua saúde, e ele morreu provavelmente de tuberculose no dia 24 de setembro de 1834. No mesmo quarto decorado pelas cenas de dom Quixote onde ele nascera, 36 anos antes, quando o Brasil não passava de uma colônia portuguesa do outro lado do Atlântico. ■

No exílio, já como Pedro IV, ele é reverenciado na elegante corte francesa

SAIBA MAIS

LIVROS

***D. Pedro I*, Isabel Lustosa, Companhia das Letras, 2006**
A autora traça um perfil do imperador e sua época aliando o rigor histórico a uma linguagem acessível.

***Dicionário do Brasil Imperial*, Ronaldo Vainfas, Objetiva, 2002**
É um guia útil – e rigoroso – para quem quer conhecer melhor os personagens e fatos do Brasil Império.

COPOS DO

Elas ajudaram no surgimento da escrita e no desenvolvimento da filosofia, além de motivar guerras e revoluções. Da cerveja à Coca-Cola, as bebidas foram marcantes nos rumos da humanidade

POR LIA HAMA **DESIGN** BERNARDO BORGES **ILUSTRAÇÕES** NIK

Idade da Pedra, Idade do Bronze, Idade do Ferro. Essa divisão de períodos históricos foi criada por arqueólogos. Eles se basearam no impacto do uso de cada um desses materiais na vida dos seres humanos ao longo dos tempos. Mas uma outra divisão, um pouco mais fluida, também é possível. Por exemplo: há aproximadamente 5 500 anos, quando o Oriente Médio estava entrando na Idade do Bronze, as populações daquela região estavam em plena era da... cerveja.

Dividir a história do mundo em períodos dominados por determinadas bebidas: é isso o que propõe o jornalista inglês Tom Standage, editor da respeitada revista britânica *The Economist*. No livro *História do Mundo em Seis Copos*, ele mostra como a cerveja foi decisiva para o desenvolvimento da agricultura e da escrita – ajudando, assim, o homem a sair da Pré-história. Alguns milênios depois, o vinho esteve intimamente ligado ao desenvolvimento da filosofia grega. Até chegar à Coca-Cola e seu papel destacado na globalização que marcou a virada para o século 21, muita coisa aconteceu entre um gole e outro.

"As bebidas tiveram uma conexão com o fluxo da história bem maior do que geralmente se reconhece", afirma Standage no livro. "Elas sobrevivem



MUNDO

em nossas casas como lembranças vivas de eras passadas, testamentos líquidos das forças que moldaram o mundo moderno." Na opinião do escritor britânico, a bebida do futuro será a água, o que significa que a história das bebidas voltará à sua fonte original. Sendo um recurso natural limitado e fundamental para a vida, muitos estudiosos apontam que a água substituirá o petróleo como a mercadoria escassa com maiores chances de provocar um conflito internacional. "Sua disponibilidade irá determinar o futuro da raça humana na Terra", diz Standage. Enquanto a era da água não vem, confira como as bebidas ajudaram a trazer a humanidade até aqui.

CERVEJA

Se a onipresença das campanhas de cerveja faz você achar que essa bebida nunca foi tão importante, saiba que ela já era fundamental na vida social, religiosa e econômica das antigas civilizações do Egito e da Mesopotâmia. Lá, era usada em cerimônias religiosas, funerais e rituais de fertilidade – os egípcios viam a cerveja como um presente dos deuses, por sua capacidade "mágica" de induzir um estado de consciência alterada.

Para alguns antropólogos, a necessidade de manter a oferta de cerveja teria sido um dos motivos para o desenvolvimento da agricultura. Como a demanda pela bebida era muito grande, não era possível continuar dependendo apenas da coleta de grãos selvagens para produzi-la. Nascia aí a necessidade de plantar e cultivar cereais. »

Local de origem

Região de Zagros
(atuais Armênia e norte do Irã)

Como foi criado

O suco de uvas amassadas era guardado em recipientes de cerâmica por longos períodos e, ao fermentar, se transformava em vinho.

Quando surgiu

Entre 9000 e 4000 a.C.

13% Vol.

750 ml

VINHO

O vinho era a bebida dos debates entre filósofos na Grécia antiga

CURIOSIDADES

RASPADINHA

No verão, para refrescar, o vinho era misturado a neve guardada do inverno. Para que ela não derretesse, era empacotada com palha e mantida em buracos no solo.

O CHIQUE ERA MISTURAR

Os gregos e os romanos tomavam vinho misturado com água. Beber vinho puro era considerado primitivo.

VINHO AO ALVO

Kottabos era um jogo grego. Consistia em dar petelecos nos últimos goles de vinho de uma taça em direção a um alvo – que podia ser uma pessoa ou uma taça boiando numa tigela de água.

» A cerveja também foi decisiva para a origem da escrita, que surgiu para registrar a colheita de grãos e a distribuição de potes da bebida, pães e outras mercadorias. Os primeiros documentos escritos de que se tem notícia são listas salariais e recibos de impostos dos sumérios, nos quais o símbolo para a cerveja é um dos que mais aparecem. No Egito, a bebida era usada como moeda de troca. Os trabalhadores que construíram as pirâmides, por exemplo, eram pagos com pão e cerveja: cada um ganhava três ou quatro bolos de pão e duas canecas contendo cerca de 4 litros da bebida.

VINHO

A filosofia, a política, a ciência e a poesia da Grécia antiga, que até hoje servem de base para o pensamento ocidental, provavelmente não teriam ido tão longe sem o vinho. Era ele que ditava o ritmo nos simpósios, festas em que os participantes partilhavam uma grande taça de vinho diluído. Durante os debates acalorados, os bebedores tentavam superar um ao outro em inteligência. O filósofo grego Platão dizia que o vinho era uma ótima maneira de testar o caráter de um homem, submetendo-o às paixões despertadas pela bebida – como a raiva, o amor e a ambição.

O vinho tornou-se um dos principais produtos de exportação da Grécia antiga. Esse comércio ajudou a espalhar os ideais da civilização grega na região do Mediterrâneo e, mais tarde, no resto do mundo. O costume de beber vinho prosseguiu com os romanos, cuja sociedade hierarquizada se refletia no consumo da bebida. Cada classe social tinha seu vinho. O melhor de todos era o Falerno, feito com vinhas da região do monte de mesmo nome, no sul de Nápoles. Pela qualidade, ia pa-

Rum

LOCAL DE ORIGEM
Barbados

A independência americana foi incentivada pela revolta contra os impostos ingleses sobre o melaço de cana

COMO FOI CRIADO
Plantadores de cana aprenderam a fermentar as sobras da produção de açúcar, como o melaço, e a destilar o resultado, obtendo o rum.

QUANDO SURGIU
Século 17

CURIOSIDADE

DRINQUE SALVADOR
Em 1795, a Marinha inglesa fez do rum com suco de lima ou limão sua bebida oficial. A vitamina C das frutas prevenia o escorbuto, mal que matava muitos marujos. Foi sem querer, mas ajudou na supremacia britânica nos mares.

40% alc/vol 750 ml

UÍSQUE

Nos primórdios dos Estados Unidos, políticos davam uísque para ganhar votos

COMO FOI CRIADO
A partir da destilação de cereais fermentados, como cevada e centeio.

40% ALC. POR VOL.

CURIOSIDADE

ÁGUA DA VIDA
A origem da palavra "uísque" é *uisge beatha*, expressão gaélica para *aqua vitae* ("água da vida", em latim), uma bebida destilada usada como remédio durante a Idade Média.

QUANDO SURGIU
No fim do **século 15**

LOCAL DE ORIGEM
Provavelmente na **Escócia**

ra os imperadores. O pior era o Lora, feito com cascas, sementes e caules da uva, que era servido para os escravos.

RUM E UÍSQUE

O rum foi um dos personagens centrais da independência dos Estados Unidos: entre pagar mais para beber e tentar derrubar o domínio inglês, os americanos ficaram com a segunda opção. Durante o século 18, um dos motivos para o aumento da hostilidade entre a Inglaterra e suas colônias na América do Norte foram os altos impostos que a metrópole cobrava sobre o comércio de melaço de cana, a principal matéria-prima do rum. Em 1781, cinco anos depois que os americanos se libertaram dos ingleses, John Adams, um dos fundadores dos Estados Unidos, escreveu para um amigo: "Não sei por que deveríamos ter vergonha de confessar que o melaço foi um ingrediente essencial na independência. Muitos grandes acontecimentos resultaram de causas muito menores".

Já outro destilado, o uísque, era parte do dia-a-dia na América do Norte desde antes da independência. Muitos dos colonos americanos eram de origem escocesa ou irlandesa e tinham experiência na destilação de grãos. A bebida era usada como moeda (trocada por sal, açúcar, ferro e pólvora) e consumida em aniversários e funerais. Nos primeiros tempos, a democracia americana, que se tornou referência no mundo todo, era movida a uísque: políticos em campanha distribuíam a bebida aos eleitores.

CAFÉ

Abastecidos pela bebida que chegara à Europa no século 17, os cafés públicos de Paris eram ponto de encontro de intelectuais. No século seguinte, tornaram-se centros do revolucionário pensamento iluminista. Por causa »

Café

Quando surgiu
Por volta do século 15

Como foi criado
Uma das versões é a de um criador de cabras etíope que notou que seu rebanho ficava alegre após consumir as frutas do café. Ele as experimentou e contou para um religioso, que descobriu uma maneira de preparar os grãos.

Local de origem
Mundo árabe, possivelmente no Iêmen ou na Etiópia

Os ideais da Revolução Francesa eram

100% PURO

500 g

CURIOSIDADES

PARA VER DEUS
O café foi adotado pelo sufismo, uma corrente do Islã. Era usado contra o sono em cerimônias noturnas em que se tentava chegar a Deus por meio de cantos e movimentos repetidos.

CLUBE FECHADO
Na Inglaterra do século 17, os cafés públicos surgiram como uma alternativa sofisticada às tavernas, decorados com livros. As mulheres eram proibidas de entrar.

50 g

LOCAL de ORIGEM

Na China, provavelmente

Chá

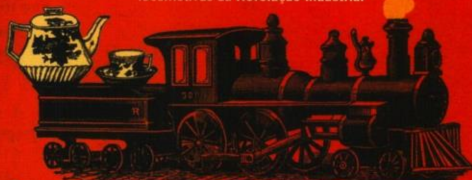
COMO FOI CRIADO

A lenda conta que o imperador Shen Nung estava fervendo água e usando galhos de um arbusto selvagem para alimentar o fogo. Foi quando uma rajada de vento levou folhas da planta para dentro do pote, transformando a bebida em chá.

QUANDO SURGIU

Entre 2737 e 2697 a.C., segundo a tradição chinesa

O amor inglês pelo chá foi uma das locomotivas da **Revolução Industrial**



CURIOSIDADES

IDÉIA SECULAR
Há 300 anos, Thomas Twining, dono de um café em Londres, abriu uma loja de chá. Foi a origem da marca que leva o sobrenome do fundador até hoje.

MISTUREBA
Buscando lucrar mais com a venda de chá preto, comerciantes adulteravam o produto, misturando a ele serragem, flores e até estrume de cavalo.

PARA AS MOÇAS
As casas de chá inglesas do século 18 eram bastante freqüentadas por mulheres, já que elas eram proibidas de entrar nos cafés.

» disso, viviam cheios de espiões do governo. Qualquer um que falasse contra a monarquia corria o risco de ir para uma masmorra na Bastilha, a prisão que era símbolo do autoritarismo do regime. Tanto esforço de repressão, no entanto, foi em vão. Foi no café de Foy, em 12 de julho de 1789, que um jovem advogado chamado Camille Desmoulins colocou a Revolução Francesa em prática. Ele subiu numa mesa e, com uma pistola na mão, gritou: "Às armas, cidadãos!" Dois dias depois, a Bastilha foi tomada por uma multidão enfurecida.

Em Londres, na mesma época, quem desejava se informar sobre os últimos acontecimentos políticos, as mais novas descobertas científicas ou as fofocas da corte se dirigia a um café. Havia estabelecimentos especializados e divididos segundo a localização. Os próximos ao Palácio de Westminster, a sede do Parlamento britânico, eram freqüentados por políticos. Os que ficavam perto da Catedral de Saint-Paul, por clérigos e teólogos. Já os próximos à Bolsa de Valores atraíam os homens de negócio. Pelo preço de uma xícara da bebida, era possível ler jornais, conversar com outros fregueses ou participar de debates literários ou políticos. Os cafés eram grandes fontes de informação, mas o que se descobria lá nem sempre era confiável – mais ou menos como a internet no dias de hoje.

CHÁ

No século 18, muitas das rotas comerciais entre a Grã-Bretanha e o Oriente foram traçadas graças à enorme popularidade do chá entre os ingleses. Essa paixão contribuiu para que, naquela época, o Império Britânico chegasse a abranger 20% da superfície mundial. O lucro obtido com esse intercâmbio serviu para financiar o desenvolvimento acelerado das fábricas inglesas. O chá se transformou, assim, na bebida por excelência da Revolução Industrial. Os capitalistas ofereciam a seus empregados intervalos para o consumo da bebida – graças à cafeína, o líquido mantinha os operários acordados nos longos turnos de trabalho braçal.

Mas o chá também causou problemas sérios para a Inglaterra, já que, como o rum, foi um dos pivôs da independência dos Estados Unidos. A reação contra a tentativa britânica de taxar o produto provocou as chamadas "festas do chá", em que colonos americanos jogavam ao mar carregamentos de chá de navios ingleses. Uma das mais conhecidas foi a Boston Tea Party ("Festa do Chá de Boston"), em 1773, quando agitadores esvaziaram três cargueiros. "Festas" como essa ajudaram a desestabilizar o poder da metrópole.

Depois da derrota na independência americana, o chá levou os ingleses a uma outra guerra, do outro lado do mundo. O consumo do produto na Inglaterra cresceu tanto que o país passou a ter prejuízo no saldo comercial com a China, de quem importava as folhas. Para tentar equilibrar a balança, os in-

Local de ORIGEM: ESTADOS UNIDOS

Coca-Cola

QUANDO surgiu: 1886



Soldados americanos tiveram sua Coca garantida na Segunda

CURIOSIDADES

COCA NA COCA
A versão original da Coca-Cola continha um pouco de cocaína. Isso foi eliminado no começo do século 20, embora derivados de folhas de coca permaneçam até hoje na fórmula secreta da bebida.



VODCA-COLA
Após a Segunda Guerra, uma versão da Coca-Cola foi feita especialmente para o general russo Georgy Zukov, herói da União Soviética. Era incolor, para que se parecesse com a vodca, tradicional bebida do país.



LIVRES PARA BEBER
Na queda do Muro de Berlim, em 1989, os alemães-orientais que passaram para o outro lado da barreira recém-demolida foram recebidos com Coca-Cola, ícone do consumo proibido no lado comunista.

gleses resolveram aumentar a produção de ópio que vendiam para os chineses. A disputa comercial levou à Guerra do Ópio, de 1839 a 1842, vencida pelos britânicos. No fim, os chineses foram forçados a assinar um tratado de paz humilhante, entregando o controle de Hong Kong aos vitoriosos – o território só foi devolvido em 1997.

COCA-COLA

A ascensão dos Estados Unidos e a globalização da guerra, da política, do comércio e das comunicações no século 20 foram acompanhadas pela ascensão da Coca-Cola, considerada símbolo dos valores americanos. Para os que admiram os Estados Unidos, ela significa liberdade de escolha e democracia. Para os que odeiam aquele país, ela representa o capitalismo cruel, a hegemonia das marcas globais e a diluição das culturas numa mediocridade homogeneizada.

A Coca-Cola acompanhou os Estados Unidos em diversos conflitos pelo mundo. Durante a Segunda Guerra, a bebida foi mandada para os campos de batalha, pois fazia os soldados americanos lembrarem-se de casa e ajudava a manter o moral elevado. Tal era sua importância que a empresa foi isenta do racionamento de açúcar imposto em 1942 – a justificativa foi a de que a bebida era essencial para o esforço de guerra. Essa presença no front se mantém até hoje. Quando as tropas norte-americanas ocuparam o palácio do ditador iraquiano Saddam Hussein em Bagdá, em abril de 2003, elas fizeram um churrasco com hambúrgueres, cachorros-quentes e, claro, muita Coca-Cola. ■

SAIBA MAIS

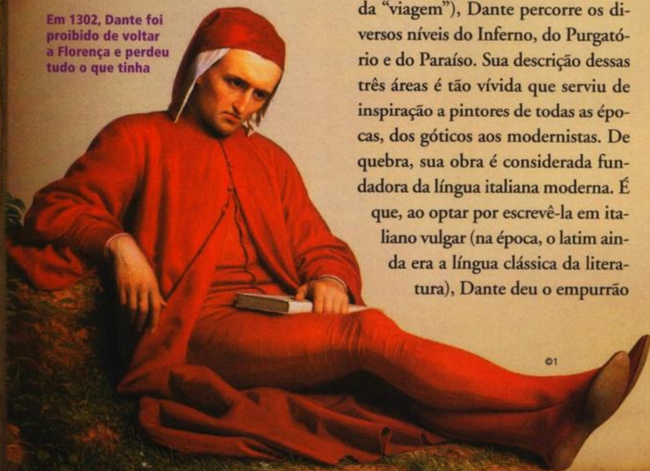
LIVRO
***História do Mundo em Seis Copos*,**
Tom Standage, Jorge Zahar, 2005
Em uma linguagem ágil e acessível, o autor narra o desenvolvimento da humanidade a partir das bebidas. No fim, ele dá dicas sobre como é possível, hoje em dia, experimentar o sabor original das bebidas antigas.

A vida infernal DE DANTE

No século 14, ele escreveu os versos mais famosos do mundo e fundou a língua italiana moderna. Mas, em vez de ser aclamado em seu tempo, o poeta foi perseguido e acabou morrendo no exílio

POR ISABELLE SOMMA **DESIGN** DÉBORA BIANCHI **ILUSTRAÇÕES ORIGINAIS** GUSTAVE DORÉ*

De alguma forma, todos os criadores de "mundos virtuais" em Hollywood e na indústria de jogos eletrônicos são herdeiros do gênio criativo de Dante Alighieri. A diferença é que o universo descrito por Dante em sua obra poética *Divina Comédia* permanece vivo no imaginário do Ocidente há mais de 700 anos. "Ele teve um papel revolucionário ao mudar os padrões da representação medieval da realidade", diz Giuseppe Mazzotta, professor de Literatura e Língua Italiana da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, e presidente da Sociedade Dante da América. "A *Divina Comédia* não era mais uma daquelas histórias de cavaleiros imaginários."



Em 1302, Dante foi proibido de voltar a Florença e perdeu tudo o que tinha

©1

No livro, com ajuda do poeta clássico Virgílio (seu guia durante parte da "viagem"), Dante percorre os diversos níveis do Inferno, do Purgatório e do Paraíso. Sua descrição dessas três áreas é tão vívida que serviu de inspiração a pintores de todas as épocas, dos góticos aos modernistas. De quebra, sua obra é considerada fundadora da língua italiana moderna. É que, ao optar por escrevê-la em italiano vulgar (na época, o latim ainda era a língua clássica da literatura), Dante deu o empurrão para a difusão do idioma que hoje é escrito e falado pelos tetracampeões mundiais. Não é à toa que até quem nunca leu uma linha de sua *Divina Comédia* – que, aliás, não é nem um pouco engraçada – conhece a expressão "inferno de Dante" para descrever um lugar (ou uma situação) de sofrimentos intermináveis. O adjetivo "dantesco" continua sendo usado como sinônimo de horrores diabólicos.

O que nem todo mundo sabe é que a vida do próprio Dante foi um drama repleto de tragédias provocadas por desencantos amorosos e ferrenhas disputas políticas que culminaram com um melancólico fim de vida no exílio. Sua trajetória pessoal seguiu o rumo oposto ao percorrido por ele na *Divina Comédia*. Enquanto o Dante da ficção começa sua saga no Inferno e vai até o Paraíso, o Dante real foi feliz quando jovem e amargou um profundo sofrimento na velhice.

PARAÍSO (1265-1302)

Além dos relatos de que ele nasceu em Florença em 1265 e perdeu a mãe »

Amigos, amigos, Inferno à parte

Livro não poupou nem as pessoas queridas pelo poeta

A *Divina Comédia* narra a viagem de Dante em busca de sua falecida amada, Beatriz. Ao atravessar Inferno, Purgatório e Paraíso, ele encontra as almas de amigos, inimigos e personagens históricos. A narrativa se passa em 1300: começa na Sexta-feira Santa e vai até pouco depois do Domingo de Páscoa. Na hora de escolher os personagens condenados aos nove níveis – ou "círculos" – do Inferno, Dante não poupou nem as pessoas de quem gostava. Brunetto Latini, seu respeitado mestre, por exemplo, surge no sétimo círculo. O poeta romano Virgílio, admirado por Dante, também foi colocado no Inferno, na companhia do filósofo grego Platão. Mas pelo menos ambos estão no Limbo, o primeiro círculo, onde ficam as almas dos virtuosos que não eram cristãos (os dois nem poderiam sê-lo, pois morreram antes do nascimento de Jesus). Quem não podia ficar de fora do Inferno era o papa Bonifácio VIII, um dos responsáveis pelo exílio do autor. Depois de achar Beatriz no Purgatório, Dante segue com ela para o Paraíso. Lá, encontra santos e figuras do cristianismo. Sobrou um lugarzinho também para Henrique VII de Luxemburgo, que governou o Sacro Império Romano e foi a última esperança que o poeta teve de voltar para Florença.

Mesmo quem nunca leu a Divina Comédia sabe o que é um "inferno dantesco"

©2

Beatriz, a musa inspiradora da *Divina Comédia*, recebe Dante no Purgatório



©3



» aos 5 anos de idade, sendo educado por tutores religiosos, os primeiros anos da vida de Dante continuam envoltos em mistério. Mas os pesquisadores sabem ao menos que o fato mais significativo dessa época, que iria marcá-lo para o resto da vida, não teve nada a ver com a morte da mãe – e sim com uma paixão precoce fulminante. Tudo aconteceu nas ruas de Florença quando ele tinha apenas 9 anos e viu uma bela menina chamada Beatriz. Foi amor à primeira vista. O problema é que, apesar de ainda ser uma criança para os padrões de hoje, Dante já estava comprometido com uma noiva, Gemma Donati, num relacionamento arranjado por seu pai. Respeitando a vontade familiar, eles se casaram aos 14 anos. A união renderia três filhos, mas nunca contaria com a entrega total do poeta.

Quando completou 18 anos, Dante teve um último encontro com a amada Beatriz. Ao vê-lo em uma rua de Florença, sua musa teria apenas acenado. Depois desse gesto, o convívio entre os dois acabou sem que eles jamais tivessem trocado uma palavra. Até hoje os biógrafos não têm certeza sobre a verdadeira identidade do amor de Dante – especula-se que a jovem fosse Beatriz Portinari, que se casou com um aristocrata florentino. Inspirado por ela, Dante passou a estudar filosofia e escreveu os versos de *Vida Nova*, um texto com referências autobiográficas. "Apesar de os eventos desse pequeno livro não serem relatos confiáveis da vida de Dante, eles sugerem que uma das principais ocupações dele durante o fim de sua adolescência e começo da idade adulta era pensar e escrever sobre Beatriz", afirma Ronald Martinez, tradutor da *Divina Comédia* para o inglês e professor de Literatura Italiana na Universidade de Brown, nos Estados Unidos.

Em 1290, Dante recebe a notícia da morte de Beatriz. Como ele ainda estava escrevendo a obra *Vida Nova*, seu livro incorporou vários poemas angustiados sobre a perda de sua musa inspiradora. No último capítulo, o poeta faz uma promessa: nunca mais escreveria nada sobre Beatriz até que fosse capaz de dedicar a ela algo que "nunca tivesse sido escrito sobre nenhuma mulher". A promessa foi cumprida anos depois, com sua *Divina Comédia*.

Assim que Beatriz morreu, o poeta já havia trocado o latim pelo italiano em seus textos, tendo sido provavelmente inspirado por outros intelectuais da época, como o escritor Guido Cavalcanti, que se tornou seu

grande amigo. Outro amigo teria sido o filósofo Brunetto Latini, ex-professor de Dante e referência entre os pensadores florentinos do século 13. Apesar da amizade que mantinha com ambos, Dante colocou Latini e o pai de Cavalcanti no Inferno da *Divina Comédia* *(leia quadro na pág. 41)*.

Mas seu destino trágico seria selado ao se envolver com a violenta e corrupta política florentina, cujas disputas, naquela época, costumavam ser resolvidas em conflitos armados. Nesse tempo, a Itália não passava de um amontoado de cidades-estados autônomos que viviam guerreando entre si. Como toda a região, Florença estava dividida entre os partidários do papa, chamados de guelfos, e os que apoiavam o imperador do Sacro Império Romano, chamados de guibelinos – dois séculos depois de Dante, a rivalidade entre os dois grupos inspiraria o inglês William Shakespeare a criar os Capuletto e os Montecchio de *Romeu e Julieta*.

Após a vitória dos guelfos, grupo do qual Dante fazia parte, o futuro parecia promissor para o jovem poeta. O problema é que, uma vez no poder, os guelfos passaram a brigar entre si, divididos em duas facções: os *neri* ("negros", em italiano), que apoiavam uma influência maior do Vaticano na cidade, e os *bianchi* ("brancos", à qual a família Alighieri pertencia), que lutava por maior autonomia para Florença.

Apesar da disputa entre as facções, Dante consegue ser eleito, aos 35 anos, para o cargo de prior da República de Florença (a cidade era governada por seis priores, "presidentes" organizados num conselho). Mas, ao chegar ao poder, ele teve que tomar algumas decisões duras. A primeira foi expulsar líderes políticos que ainda tumultuavam a cidade. Entre os *bianchi* exilados estava seu grande amigo Guido Cavalcanti, e, entre os *neri*, Corso Donati, parente de sua mulher e aliado de primeira hora do papa. Para piorar a situação, o papa Bonifácio VIII estava furioso com a autonomia dos priores de Florença, que desafiavam sua autoridade. Daí em diante, o futuro de Dante seria nada promissor.

PURGATÓRIO (1302-1313)

Em 1301, forças francesas estavam às portas de Florença. Diante da ameaça, Dante foi ao Vaticano pedir ao papa que convencesse o exército francês a não ocupar a cidade. Mas Bonifácio VIII não tinha a mínima intenção de ajudar. Na verdade, ele iria apoiar a invasão. A comitiva de Dante foi liberada, mas o papa o obrigou a ficar no Vaticano. O pontífice temia que, se retornasse a Florença, o poeta poderia denunciar sua aliança com a França.

Na ausência de Dante, os franceses entraram na cidade e permitiram que os *neri*, opositores de Dante, retomassem o poder. No início de 1302, depois de se recusar por duas vezes a se apresentar diante do novo governo florentino, Dante teve seus bens confiscados e foi condenado ao exílio e à morte (caso fos- »

Inspiração islâmica?

História tradicional muçulmana pode ter ajudado Dante a criar sua obra-prima

Há quem diga que, mesmo tendo sido escrita por um católico convicto, a *Divina Comédia* traz referências tiradas da mitologia islâmica. Essa possibilidade foi levantada pelo historiador espanhol Miguel Asín Palácios no livro *La Escatologia Musulmana en la Divina Comedia* ("A escatologia muçulmana na *Divina Comédia*", inédito no Brasil), publicado em 1920. A idéia pareceu um absurdo para os leitores cristãos – afinal, na *Divina Comédia*, Maomé aparece no oitavo círculo do Inferno. Mas, de acordo com Palácios, a história escrita por Dante se parece com a da *Viagem Noturna de Maomé*. Nela, segundo a tradição muçulmana, o profeta teria passado uma noite viajando pelo Inferno e pelo Céu ao lado do anjo Gabriel e falado com Abraão, Moisés e Jesus. Na década de 40 foram descobertas versões dessa história em latim, que circularam no século 13. Isso reforçou a suspeita de que Palácios poderia ter razão. Mas, até hoje, não há provas conclusivas de que Dante tenha se baseado nesse texto.



Miniatura persa do século 16 retrata a *Viagem Noturna*

» se encontrado no exterior por soldados de Florença). "O banimento para o resto da vida foi justificado com falsas acusações de corrupção", afirma Jeffrey Schnapp, professor de Literatura na Universidade de Stanford, nos Estados Unidos. "Dante era uma figura muito proeminente para algum dia voltar à cidade enquanto seus inimigos estivessem no poder."

Em tempos sem telefone, internet ou mesmo um serviço de correio regular, ser desterrado era uma punição gravíssima. "Para o mundo pré-moderno, não havia punição mais severa do que o exílio. Em um sentido muito real, era uma sentença de morte em um tempo em que a mobilidade – de capital, pessoas, poder – era extremamente limitada", diz Schnapp. Os anos de exílio foram amargos. Dante nunca mais viu sua mulher e apenas muitos anos depois conseguiu reatar contato com seus filhos.

Logo depois da expulsão, o poeta iniciou uma campanha para juntar tropas com o objetivo de retomar o poder sobre Florença, mas acabou desistindo da idéia. A partir daí, miserável, vagou de cidade em cidade, entre elas Pádua, Verona e Lucca. "Ele literalmente mendigava e oferecia seus serviços nas cortes de vários senhores no norte da Itália: como secretário, escrivão de documentos, embaixador etc.", afirma Giuseppe Mazzotta.

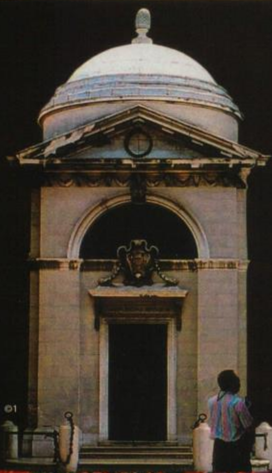
Em 1310, o líder do Sacro Império Romano, Henrique VII de Luxemburgo, estava prestes a invadir a Itália. Dante viu no maior adversário do papa um possível libertador de Florença. Para ajudá-lo, iniciou uma campanha, escrevendo cartas públicas em que incitava o imperador a atacar sua cidade natal. Seu objetivo não era que Florença fosse destruída, apenas que seus inimigos fossem expulsos do poder. Mas o teor dos textos não agradou em nada os florentinos. Com a ameaça de invasão, o governo de Florença perdoou a facção dos *bianchi*, permitindo o retorno de todos eles. Com exceção de um: Dante Alighieri.

INFERNO (1313-1321)

Quando Henrique VII morreu, em 1313, as últimas esperanças que Dante tinha de retornar a Florença terminaram. Segundo Karl Kossler, autor de *An Introduction to Dante and His Times* ("Uma introdução a Dante e seu tempo", inédito no Brasil), a morte do imperador foi o episódio mais doloroso da vida do poeta, superando até a morte de Beatriz. Segundo Kossler, foi após esse acontecimento que o poeta pôs-se a escrever o livro que chamou de *Comédia* – e que só ganharia o adjetivo "divina" no século 16.

Antes de morrer, contudo, Dante teve duas chances de ser perdoado. A primeira proposta dizia que ele poderia retornar a Florença, desde que aceitasse pagar uma multa e participar de uma cerimônia religiosa em que seria tratado como inimigo público. Dante preferiu o exílio. Da segunda vez, propuseram revogar sua sentença de morte. Em troca, o poeta deveria jurar que jamais pisaria em Florença novamente. Dante deu de ombros. Como punição, o exílio se estendeu a seus filhos. Expulsos da cidade, eles, pelo menos, tiveram a oportunidade de se reencontrar com o pai.

Dante passou os últimos três anos de sua vida em Ravena. Ali terminou a *Divina Comédia* e morreu aos 56 anos, em setembro de 1321, provavelmente de malária – naquela época,



01

A capela que guarda o túmulo de Dante foi feita no século 15

Exílio eterno

Dante foi enterrado em Ravena, que se recusa a devolvê-lo a Florença

"Retornarei poeta e na fonte do meu batismo receberei a coroa de louros." Essa frase, tirada da *Divina Comédia*, mostra que Dante acreditava que ainda voltaria, aclamado por seus conterrâneos, à sua cidade natal. Mas ele morreu longe de Florença e foi sepultado sem muitas honras na igreja de São Francisco, em Ravena. No século 15, quando a *Divina Comédia* começava a ganhar fama, um admirador do poeta construiu uma sepultura numa capela anexa ao templo. Lá, Dante foi enterrado sob a inscrição: "Florença, mãe de pouco amor". Essa acusação se manteria verdadeira até 1829. Foi quando a cidade do pai da língua italiana resolveu se redimir e construiu um belo túmulo em sua basílica, passando a reivindicar os restos mortais de Dante. Ravena, entretanto, não permitiu a mudança. Segundo Giuseppe Mazzotta, da Universidade de Yale, restou a Florença financiar o óleo da lamparina que queima em cima da sepultura. Ravena, por sua vez, diz estar respeitando a vontade de Dante: ele queria retornar a Florença com honras. Mas em vida.



uma doença comum e misteriosa (ninguém sabia que era transmitida por mosquitos). Começou a ser reconhecido apenas um século depois de sua morte. Mas o culto em torno dele como o maior poeta da língua italiana é mais recente. "A grande onda da influência cultural e literária de Dante ocorreu no século 19 e no início do século 20, englobando o movimento romântico e o período do alto modernismo", afirma Ronald Martinez. "Desde as duas grandes guerras, Dante se tornou um autor para quem leitores e escritores se voltam a fim de conhecer os estados extremos do sofrimento humano."

O desterro de Dante é uma espécie de pedra no sapato dos florentinos até hoje. A cidade se ressente por não ter conseguido reaver os restos mortais de seu cidadão mais ilustre *(leia quadro na pág. 44)*. Como forma de se redimir, há estátuas dele espalhadas pela capital da Toscana. Mas há quem, mesmo concordando com a genialidade do poeta, ainda insista em condená-lo. "A cada 100 anos, os florentinos fazem um julgamento, uma espécie de debate público, para decidir se Dante realmente merecia ou não ser condenado ao exílio. E eles sempre decidem que seus ancestrais estavam certos em expulsá-lo de Florença, confiscar seus bens e tentar matá-lo", afirma Giuseppe Mazzotta. Talvez eles tenham razão. Se a vida do poeta não tivesse sido um inferno dantesco, coroado pelo exílio, provavelmente a *Divina Comédia* jamais tivesse sido escrita. ■

***GUSTAVE DORÉ** é o autor de algumas das mais impressionantes gravuras de todos os tempos, como as ilustrações para a *Bíblia* e a *Divina Comédia*. Francês, nasceu em 1832 e morreu em 1883.

SAIBA MAIS

LIVRO

***A Divina Comédia*, tradução de Hernani Couto, Cultrix, 1996.**
Tem notas de rodapé esclarecendo as figuras históricas que aparecem no texto.

***Dante*, R.W.B. Lewis, Objetiva, 2002.**
Pequena biografia que relaciona a obra literária de Dante com a vida do poeta

***An Introduction to Dante and His Times*, Karl Vossler, Frederick Ungar Publishing, 1958**
Dois densos volumes que dissecam vida e obra de Dante relacionando-as ao período em que ele viveu.

ONDE ESTÁ BIN LADEN?

Cinco anos depois, saiba por que os Estados Unidos ainda não conseguiram capturar o responsável pelos atentados terroristas que mudaram o mundo

POR TIAGO CORDEIRO **DESIGN** FABIO OTUBO **ILUSTRAÇÕES** LUMI MAE E MARCOS INOUE

Na manhã de 11 de setembro de 2001, Osama bin Laden estava em Jalalabad, no Afeganistão, a 150 quilômetros ao sul da capital, Cabul. Junto de seguidores, parecia tenso e gritava muito com suas quatro esposas. Ao contrário de praticamente todos os habitantes da Terra, ele sabia o que ia acontecer.

Desde 1998, quando promovera ataques às embaixadas americanas na Tanzânia e no Quênia, Bin Laden já era o homem mais procurado pelos Estados Unidos. Após o 11 de Setembro, contudo, a caça ao líder da rede terrorista internacional Al Qaeda deixou de ser apenas uma prioridade das forças americanas. Virou uma questão de Estado e desencadeou as duas primeiras grandes guerras do século 21.

Os atentados deram aos Estados Unidos uma espécie de "licença" para caçar inimigos ao redor do globo. Para encontrar o terrorista e seus seguidores, o governo de George W. Bush invadiu o Afeganistão, no primeiro ato da "guerra contra o terror". Um a um, todos os grandes procurados pelos americanos foram sendo presos ou mortos *(veja quadro na pág. 33)*. Com a invasão do Iraque, em 2003, até mesmo o grande adversário dos Estados Unidos durante os anos 90, o ex-ditador Saddam Hussein, foi preso. Mas o homem que motivou o início de toda essa caçada global continua solto. Como é possível que, cinco



anos depois do 11 de Setembro, o melhor exército do planeta ainda não tenha sido capaz de pegar Osama bin Muhammad bin Awad bin Laden, nascido em 1957 em Riad, na Arábia Saudita?

Na verdade, os Estados Unidos quase conseguiram. A chance escorreu por suas mãos como se fosse areia do deserto. Durante 28 dias, entre novembro e dezembro de 2001, Bin Laden esteve a um passo de ser preso, acuado nas montanhas afegãs de Tora Bora. "Ele estava lá. Perdemos a oportunidade de pegá-lo porque não tínhamos recursos suficientes", diz Gary Berntsen, ex-agente da CIA, a central de investigação americana, que liderou operações de campo em Tora Bora. Soa estranho, mas é isso mesmo: por negligência, o homem mais procurado do mundo não foi capturado.

MONTANHAS DO TERROR

Até que a invasão ao Afeganistão começasse, em outubro de 2001, Bin Laden vivia no país sob a proteção do Talibã, o grupo que controlava 90% do território afegão. Em quatro semanas de guerra, o Talibã foi deposto e Bin Laden ficou na mão. Acuado, ele foi visto em 10 de novembro, em Jalalabad, distribuindo dinheiro para líderes locais. Enquanto eles se dispersavam, o líder da Al Qaeda partia para a cadeia montanhosa de Tora Bora, no leste do Afeganistão, a 50 quilômetros da divisa com o Paquistão. Essa região tem picos com mais de 6 mil metros de altura. Bin Laden conhecia bem o terreno, pois passara ali boa parte dos anos 80, quando teve papel destacado na luta contra as tropas da União Soviética – que haviam invadido o país em 1979 para apoiar o combalido gover- »

Missões cumpridas

Vivo e solto, Bin Laden é exceção entre os procurados por Bush



Muhammed Atef
Era um dos chefes da Al Qaeda. Sua filha é nora de Bin Laden. Foi morto no Afeganistão em 2001



Abu Zubaydah
Próximo a Bin Laden, foi o sucessor de Atef. Está em poder dos EUA (foi preso no Paquistão em 2002).



Abd al Rahim al Nashiri
Planejou o ataque ao navio USS Cole, em 2000. Preso em 2002, hoje colabora nos interrogatórios do FBI.



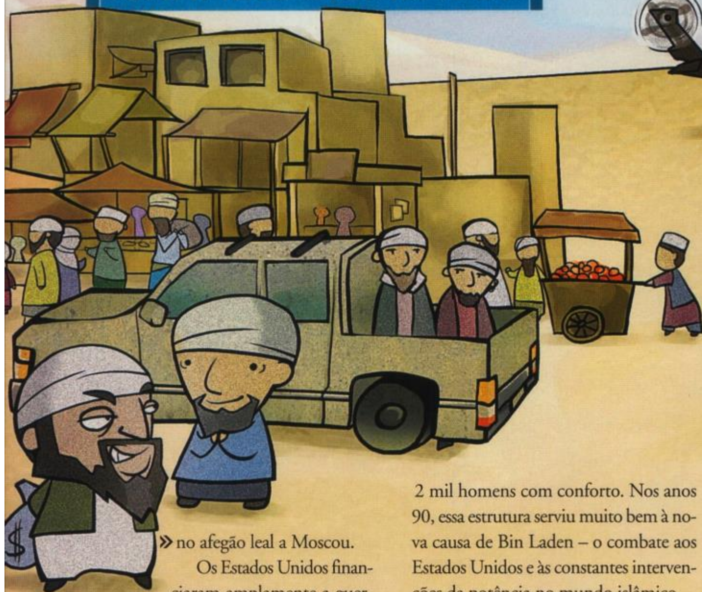
Ramzi Binalshibh
Ex-dirigente da Al Qaeda, planejou o 11 de Setembro. Detido em 2003, no Paquistão, está em poder dos EUA.



Saddam Hussein
Ex-ditador do Iraque. Preso em dezembro de 2003, passa por um conturbado julgamento no país.



Abu Musab al-Zarqawi
Líder da Al Qaeda no Iraque, foi morto por bombas em junho (e substituído por Abu al-Masri).



» no afegão leal a Moscou.

Os Estados Unidos financiaram amplamente a guerrilha contra os soviéticos. Quando eles foram expulsos do Afeganistão, em 1989, essa generosidade minguou. Mas, com o dinheiro ganho dos ex-aliados, Bin Laden pôde importar da Arábia Saudita todo o maquinário necessário para escavar passagens, reforçar paredes e instalar sistemas de eletricidade, circulação de água e ventilação. Graças a sua experiência como empreiteiro, profissão em que trabalhara no seu país natal na década de 70, ele transformou as cavernas nas montanhas em uma rede formidável de bunkers em Tora Bora, capazes de abrigar 2 mil homens com conforto. Nos anos 90, essa estrutura serviu muito bem à nova causa de Bin Laden – o combate aos Estados Unidos e às constantes intervenções da potência no mundo islâmico.

Para tentar desentocar o terrorista e seus seguidores, os americanos seguiram uma estratégia parecida com a adotada pelos soviéticos 20 anos antes. Por terra, enviaram mercenários locais. Por ar, usaram bombardeiros para destruir as cavernas. Dois meses após o 11 de Setembro, o grupo de Bin Laden resistiu aos ataques terrestres da Aliança do Norte, a milícia afegã sustentada pelos americanos. Mas os terroristas não foram capazes de conter o chumbo grosso que caía do céu. Aviões varreram as montanhas com bombas "corta-margaridas" (com 7,5 toneladas e um raio de destruição de mais de 100 metros) e estoura-bunker (de 2,5 toneladas, feitas para penetrar no solo e explodir dentro das cavernas). Na hora de escolher o local a ser atacado, sensores reconheciam o calor do corpo humano e permitiam que a identificação dos alvos fosse precisa, mesmo embaixo da terra. Graças à potência e tecnologia de suas armas, os Estados Unidos conseguiram arrasar os esconderijos de Tora Bora.



Acontece que Bin Laden não estava mais lá. Sua intenção fora resistir em Tora Bora só o tempo necessário pa-

Televilão

Todas as mensagens de Bin Laden divulgadas desde 11 de setembro de 2001

Para que os Estados Unidos não se esqueçam de que ele continua à solta, Bin Laden mantém o costume de publicar mensagens gravadas. A maior parte delas são vídeos, normalmente enviados à rede de TV Al Jazeera.



7/10/2001
Em vídeo divulgado poucas horas depois do começo da guerra do Afeganistão, elogia os terroristas que morreram nos atentados aos Estados Unidos.

1º/11/2001
Numa carta manuscrita distribuída à imprensa em todo o mundo, convoca os paquistaneses a defenderem os muçulmanos do Afeganistão.

7/11/2001
Diz num vídeo que os Estados Unidos não apresentaram nenhuma evidência contra ele que justificasse a invasão do Afeganistão.

14/12/2001
O governo americano mostra um filme com Bin Laden rindo e descrevendo como os aviões acertaram o World Trade Center. "Eles fizeram muito mais estrago do que eu tinha imaginado".



ra fugir para o Paquistão. Deu certo. Em 10 de dezembro, um cessar-fogo foi negociado com o exército americano. Durante dois dias, as cavernas não foram atacadas e o terrorista e seus seguidores tiveram tempo de preparar a fuga. No dia 12, quando os ataques recomeçaram, 800 membros da Al Qaeda escaparam pelos desfiladeiros da região. Enquanto isso, as forças da Aliança do Norte enfrentavam uma escalada de três horas em temperaturas negativas para tentar entrar em combate.

Em 17 de dezembro, segundo Gary Berntsen, chegou a vez de o próprio Bin Laden fugir. Com três membros de sua guarda pessoal, ele foi visto num jipe indo em direção ao território paquistanês. Horas depois, o exército americano se declararia vitorioso, mesmo sem botar as mãos em Bin Laden. "A verdade é que Tora Bora não caiu. Ela foi abandonada", diz a jornalista americana Mary Anne Weaver, autora de *Pakistan: In the Shadow of Jihad and Afghanistan* ("Paquistão: sob a sombra da Jihad e do Afeganistão", inédito no Brasil). A debandada foi tal que, embora 300 pessoas tenham sido mortas nas montanhas, apenas cerca de 20 foram presas pelos americanos.

Nunca mais, a partir da conquista de Tora Bora, foi possível apontar num mapa o local exato onde Bin Laden está. Meses depois, o governo americano seria acusado de não investir tudo o que podia na caçada e de ter cometido graves erros de planejamento. "Confiamos demais nas tribos locais, que ficavam brigando entre si", diz Berntsen.

No fim de 2001, os boatos sobre Bin Laden se tornaram desencontrados. O presidente do Paquistão, Pervez Musharraf, anunciou que ele havia morrido depois que bombas destruíram seus aparelhos de hemodiálise. O jornal italiano *Corriere de la Sera* chegou a descrever com detalhes o enterro do saudita: te- »

27/12/2001
Magro e abatido, surge em vídeo para dizer: "Nosso terrorismo contra os Estados Unidos é abençoado, visa a repelir o agressor para que a América retire seu apoio a Israel".



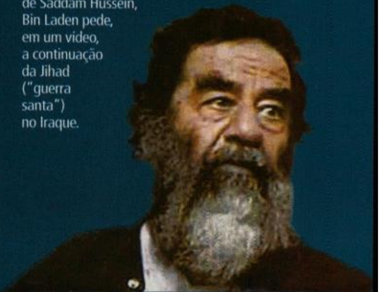
7/10/2002
Depois dos boatos de que ele teria morrido, reaparece em vídeo. Afirma que a juventude muçulmana aterrorizará os Estados Unidos e "atingirá o centro de sua economia até que pare com sua injustiça e agressão".

13/11/2002
Em áudio divulgado pela Al Jazeera, elogia atentados recentes a Bali e Moscou.

11/2/2003
Em gravação de áudio, diz que ataques terroristas suicidas são importantes na "luta contra a América".

18/10/2003
Divulga dois vídeos sobre a guerra no Iraque. Em um deles, diz que os americanos "se atolaram nos lodaçais" do país. No outro, afirma que eles dizem "defender a paz mundial", mas obedecem aos "sionistas".

4/1/2004
Duas semanas depois da prisão de Saddam Hussein, Bin Laden pede, em um vídeo, a continuação da Jihad ("guerra santa") no Iraque.



A outra face do conflito

A rede árabe de notícias Al Jazeera já foi atacada por americanos

Entre as 18 mensagens divulgadas por Bin Laden a partir de 2001, dez ganharam o mundo graças à rede árabe de notícias Al Jazeera, sediada no Catar. Mas qual seria o motivo desse privilégio na hora de receber os comunicados do terrorista? "No Ocidente, nossa imagem está muito ligada à Al Qaeda. Mas a Al Jazeera não tem nenhum relacionamento com Bin Laden", diz Satnam Matharu, chefe da assessoria de imprensa da rede. "Nós recebemos seus vídeos arbitrariamente e sem aviso prévio, provavelmente porque somos a maior emissora do Oriente Médio." Fundada em 1996, a Al Jazeera ficou conhecida em 2001, quando seus repórteres foram os únicos a cobrir o começo da guerra do Afeganistão. Mas a prova de fogo veio na cobertura da invasão do Iraque, em 2003. Lá, havia duas categorias de jornalistas. De um lado, 700 repórteres atuavam em parceria com o exército americano (a intimidade era tanta que muitos deles, como o colunista Gordon Dillow, pegaram em armas). Nos noticiários produzidos por esses homens, não havia sangue, nem imagens de soldados americanos mortos. O outro lado era composto por 2 100 jornalistas, a maioria não-americana. Tinham as credenciais dadas pelo exército invasor, mas não andavam junto com os militares. Esses repórteres foram responsáveis por mostrar a face mais dura da guerra. Entre eles, destacaram-se os profissionais da Al Jazeera. Sua cobertura trouxe imagens, depoimentos e informações exclusivos, muitas vezes em tempo real. A emissora acabou se tornando tão importante quanto a americana CNN havia sido 12 anos antes, atuando no próprio Iraque (foi na Guerra do Golfo, quando três de seus repórteres realizaram a primeira transmissão ao vivo de uma guerra pela televisão, com Bagdá sendo bombardeada pela coalizão encabeçada pelos americanos). Toda essa independência tem um preço. A relação da rede com os Estados Unidos é tensa. Três escritórios da Al Jazeera já foram bombardeadas pelo exército americano, três jornalistas já foram presos e outros três morreram. O caso mais polêmico aconteceu no dia 8 abril de 2003. Tareq Ayoub, o correspondente-chefe em Bagdá, não resistiu aos ferimentos depois que um caça americano atacou seu escritório com um foguete – oficialmente, o fato foi um erro operacional dos militares. A Al Jazeera é vista hoje por 45 milhões de espectadores. A maioria deles vive no Oriente Médio e no norte da África, mas a conta inclui 8 milhões de europeus, além de 140 mil residências norte-americanas. O alcance da rede tende a aumentar: nos próximos meses, deve ir ao ar a Al Jazzera International, com 24 horas de notícias em inglês.



Tareq Ayoub, da Al Jazeera, foi morto por um caça americano



» ria sido em Tora Bora, com uma homenagem feita por 40 seguidores. A notícia era o sonho dos militares americanos (e dos humoristas, que puderam fazer a piada de que a cerimônia teria sido no melhor estilo "Ali Babá e os 40 ladrões"). Fechado em um bunker, cercado por comparsas, o terrorista teria morrido como o ditador alemão Adolf Hitler.

Um dos vídeos de Bin Laden passou a reforçar a tese da morte. Nas imagens,

15/4/2004
Em vídeo, oferece uma trégua aos europeus em troca do fim das ações deles no mundo islâmico. Diz que os atentados de 11 de março, em Madri, foram uma retaliação contra a presença da Espanha no Iraque.



6/5/2004
Em áudio divulgado na internet, oferece 10 quilos de ouro para quem matar o administrador americano do Iraque, Paul Bremer, ou o secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan.

que vieram a público em 27 de dezembro, ele aparecia abatido, como se estivesse prestes a se entregar. O suspense acabou quase um ano depois, no dia 7 de outubro de 2002. Ao surgir em público em um novo vídeo, Bin Laden enterrou o otimismo americano e seu paradeiro voltou a se tornar um mistério. Mas será que dá para acreditar que os americanos de fato não sabem onde ele está? E, se sabem, por que não conseguem prendê-lo?

DE CASA NOVA

Depois de ser expulso do Afeganistão, de acordo com especialistas que já trabalharam para o governo americano, Bin Laden se refugiou no distrito de Peshawar, no noroeste paquistanês. É uma região rural, em que a vida é regida por líderes tribais que professam um islamismo conservador. Eles protegem o terrorista, e o preço de seu silêncio é alto. Isso não é problema, já que a fortuna do comandante da Al Qaeda é estimada em 250 milhões de dólares.

É provável que, por estar tão confortável, Bin Laden se movimente pouco. "Ele é um guerrilheiro com experiência suficiente para saber que se expõe muito cada vez que se move. E ele não precisa circular demais. Está numa área com algumas das montanhas mais altas do mundo e conta com a proteção dos moradores locais", diz Michael Scheuer, ex-diretor da unidade da CIA responsável pelo terrorista *(leia entrevista na pág. 39)*. A região também facilita a comunicação de Bin Laden com o mundo. Boa parte das mensagens que costuma gravar é entregue ao escritório da TV Al Jazeera na capital do Paquistão, Islamabad, a apenas 150 quilômetros dali.

Mas não é apenas uma rede de pequenas tribos que barra o exército americano. O governo paquistanês tem uma relação ambígua com os Estados Unidos. O Paquistão já prendeu sozinho vários líderes importantes da Al Qaeda, mas parece incapaz de capturar Bin Laden. E, quando autoriza incursões em seu território, o controle é rígido. Em ações das Forças de Operações Especiais americanas por lá, entre fevereiro de 2002 e abril de 2004, nenhum soldado deu um passo sem que um militar paquistanês fosse informado. O país tem seus motivos. É como disse anonimamente um oficial paquistanês à jornalista Mary Anne Weaver: "O Paquistão não ganharia nada em encontrar Bin Laden. Somos o aliado americano que mais sofre sanções. »

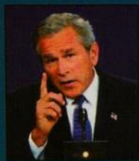
29/10/2004
A quatro dias das eleições presidenciais americanas, um vídeo mostra Bin Laden dizendo que "a segurança de vocês não está nas mãos de Kerry ou Bush. Está em suas próprias mãos".



16/12/2004
Em mensagem de áudio divulgada pela internet, acusa o governo da Arábia Saudita de estar próximo demais dos "países infiéis".

20/1/2006
Após um ano de silêncio, diz, em fita de áudio, que um novo ataque em solo americano é questão de tempo, a menos que os Estados Unidos aceitem uma "trégua de longo prazo". O presidente Bush recusa a proposta.

20/2/2006
Em áudio divulgado em sites islâmicos, acusa o exército americano de agir no Iraque com a mesma brutalidade atribuída por eles a Saddam Hussein.



30/6/2006
Em áudio divulgado na internet, chama Al-Zarqawi, líder da Al Qaeda no Iraque morto semanas antes, de "leão da Jihad". E manda novo recado ao presidente Bush: "Continuaremos a combater vocês e seus aliados em todo lugar, até que tenhamos gastado todo o seu dinheiro e matado todos os seus homens".







» Sempre que pegamos um terrorista importante, tudo o que recebemos são notas de agradecimento".

Desde 2001 os americanos arrumaram tantos outros problemas que os esforços para caçar o homem que inspirou a guerra contra o terror foram repensados. A ocupação do Iraque, que já matou mais de 2 500 soldados americanos, ironicamente tirou o foco da perseguição do próprio Bin Laden. Como se não bastasse, o país virou o grande centro de recrutamento e treinamento de terroristas muçulmanos: o principal grupo da Al Qaeda está, hoje, baseado em terras iraquianas, combatendo os invasores ocidentais.

Atitudes recentes mostram que nem mesmo as autoridades americanas acreditam que podem pegar o terrorista: em 2005 a CIA fechou sua unidade especial dedicada a achar Bin Laden, que tinha 25 investigadores. Enquanto isso, nos últimos cinco anos, o terror ligado à Al Qaeda intensificou violentamente suas ações. Matou 192 pessoas em Madri, 56 em Londres, 202 em Bali, 63 em Istambul. A rede terrorista se disseminou e os conflitos entre Ocidente e Oriente continuam aumentando. O pior é que, mesmo sabendo que nunca ganhará sua guerra contra os americanos, Bin Laden deve ter motivos para estar satisfeito em seu esconderijo. É possível até que ele esteja esperando o melhor momento para um novo ataque, enquanto o resto do mundo aguarda, com medo. ■

SAIBA MAIS

LIVROS

***Jawbreaker*, Gary Berntsen, Crown Publishers, 2005**

O ex-chefe das operações de campo do exército americano em Tora Bora tenta explicar como Bin Laden conseguiu escapar.

***Pakistan: In the Shadow of Jihad and Afghanistan*, Mary Anne Weaver, Farrar, Straus and Giroux, 2002**

A correspondente da revista *New Yorker* explica a importância de Bin Laden no mundo muçulmano e mcstra por que o Paquistão não colabora mais com os Estados Unidos.



LISTA COMENTADA DE LINKS PARA APARIÇÕES SÉRIAS E BEM-HUMORADAS DE BIN LADEN



Ele está em todo lugar

Dos gibis às drogas, o líder da Al Qaeda é quase onipresente

"SANTO TERROR, BATMAN!"

Nada de Coringa ou Pingüim. O próximo vilão que vai ameaçar Gotham City é Bin Laden. O quadrinista americano Frank Miller já escreveu mais de metade de "Santo Terror, Batman!", em que o herói luta contra a Al Qaeda. Na entrevista em que anunciou o projeto, ele se justificou: "É tolo perseguir o Charada quando você tem a Al Qaeda para combater".

VIAJANDO COM BIN LADEN

No começo de 2002, a polícia de Nova York descobriu que traficantes estavam vendendo uma variedade de heroína chamada Twin Towers ("Torres Gêmeas"). Logo depois, quatro mulheres foram presas com papelotes de heroína com o nome "Bin Laden".

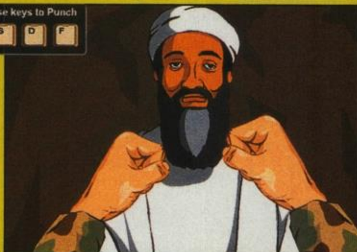
QUE SOBRINHA!

Em 2005, a americana Wafah Dufour, modelo e aspirante a cantora, entrou em uma banheira de espuma e posou vestindo roupas íntimas feitas com penas de avestruz para a revista *GQ*. Até aí, nada de mais. A polêmica estava no parentesco: Wafah é filha de Yeslam, meio-irmão de Bin Laden. "Não tenho nada a ver com aquele homem", disse.

CAÇADA VIRTUAL

A internet está cheia de jogos em que o líder da Al Qaeda é o grande vilão. Em um deles, o jogador tem que socar o rosto de Bin Laden com a maior velocidade possível. Um outro se passa em um campo de terroristas. Ganha quem conseguir resgatar reféns e prendê-lo.





Pelo menos na internet, achar e pegar Bin Laden é muito fácil

POST-SCRIPTUM

Tudo errado

POR TIAGO CORDEIRO

Entre 1996 e 1999, Michael Schauer foi o diretor da unidade da CIA responsável por investigar Bin Laden. Em 2004, pouco antes de se aposentar, ele publicou, no anonimato, o livro *Imperial Hubris: Why the West Is Losing the War on Terror* ("Arrogância imperial: por que o Ocidente está perdendo a guerra contra o terror", inédito no Brasil). Hoje, ele admite a autoria da obra e não hesita em dizer que os Estados Unidos estão fazendo tudo errado na guerra contra o terrorismo.

Os Estados Unidos estão perto de pegar Bin Laden?

Não acredito que ele esteja correndo grandes riscos. O Iraque tem sugado tanto das forças militares americanas que só com muita sorte conseguiremos prendê-lo. Antes teria sido mais fácil. A administração Bush podia ter prendido Bin Laden em Tora Bora, em dezembro de 2001, e não conseguiu. É uma situação igual a qualquer outra: se você avalia mal os riscos e não age enquanto é tempo, as coisas só tendem a piorar.

Prendê-lo ainda é importante?

Bin Laden é o maior herói vivo do mundo islâmico. É importante matá-lo porque ele inspira milhares de pessoas. E ele ainda é, com certeza, o grande líder da Al Qaeda. Ele sabe de tudo o que acontece no mundo islâmico e toma todas as decisões mais importantes dentro do grupo central que ele fundou. Ocorre que, depois do 11 de Setembro, surgiram pequenos grupos, que seguem o modelo da Al Qaeda e assumem atentados em nome dela. Bin Laden controla a Al Qaeda, mas não todos esses grupos operando sob o guarda-chuva dela.

Os Estados Unidos serão atacados mais uma vez?

A Al Qaeda tem condições de voltar a atacar em solo americano. Nos últimos dois anos, eles foram capazes de atingir alvos muito difíceis: Londres é uma das cidades mais bem policiadas do mundo, a Jordânia é um estado policial, com seguranças e agentes em todos os lugares, e Bali também tem muitos policiais competentes em ação. Todos esses países têm forças de segurança muito mais eficientes do que as americanas. Se foi possível agir lá, é possível atacar os Estados Unidos com facilidade.

Mas não é possível prevenir um ataque?

Só com muita sorte. Os políticos americanos não levaram tão a sério o terrorismo como aparentam. Se tivessem entendido o potencial dessa ameaça, eles teriam tomado medidas para proteger as fronteiras do país e para garantir que o arsenal nuclear disperso pelo interior da Rússia estivesse sob controle. Não fizeram nada disso. O governo americano age como se o que ocorreu em 2001 fosse tão terrível que os terroristas jamais seriam capazes de agir de novo.

O que Bin Laden quer?

Seu objetivo é tirar os americanos do Oriente Médio, para que ele e seu grupo possam controlar os governos desses países. Bin Laden não quer invadir os Estados Unidos, não pretende ser prefeito de Nova York. O discurso de que a Al Qaeda quer destruir a civilização ocidental é cínico. O que incomoda a Al Qaeda e os muçulmanos em geral é que nós invadimos o Iraque e damos suporte a Israel. É bobagem acreditar que nós vamos acabar com o terrorismo matando um líder a cada seis meses. O problema é muito mais grave. Estamos em meio a um conflito cultural e religioso sério, e por quanto mais tempo negarmos isso, mais séria a situação vai ficar. O governo americano precisa de um plano de médio prazo para se retirar do Oriente Médio.

Quem são os terroristas islâmicos?

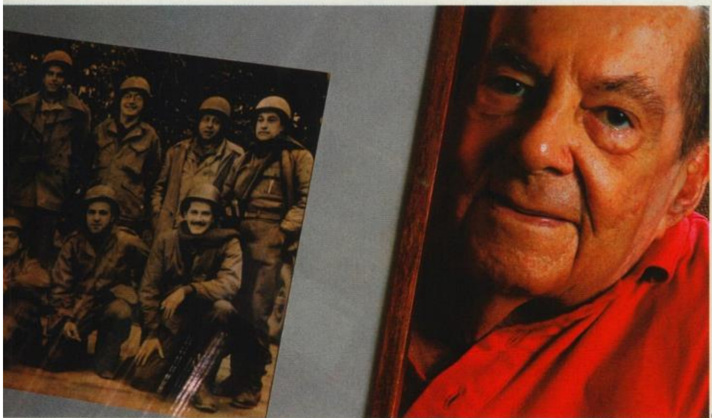
O governo americano insiste em tratar os muçulmanos como gângsteres. É mentira. Os membros da Al Qaeda são árabes de classe média, educados em escolas islâmicas. Eles são cultos e vêm de boas famílias. Não há desespero em suas ações. Eles estão nesse conflito por motivos religiosos. Do ponto de vista deles, é uma luta por liberdade, eles estão tentando ficar livres de um governo não-islâmico que está invadindo seu território. Sem entender isso, é impossível aceitar as razões da Al Qaeda. Eles não são apenas lunáticos jogando aviões contra prédios. Nesse sentido, os pais fundadores dos Estados Unidos não são tão diferentes assim de Bin Laden. Eles lutaram contra um governo que lhes era estranho para ter o direito de ser governados da forma como queriam. Ninguém precisa simpatizar com Bin Laden ou concordar com suas causas para entendê-lo. O importante é respeitar as crenças diferentes das nossas e, só depois disso, matar com força e rapidez todo os que agirem contra nós. Essa postura defensiva é muito mais sábia.

ENTREVISTA

NO FRONT COM O BRASIL

Um dos maiores jornalistas do país, Joel Silveira viu momentos decisivos da Segunda Guerra, foi confidente de presidentes da República e encarou o Estado Novo e o regime militar

POR MÁRCIO SAMPAIO DE CASTRO **DESIGN** DÉBORA BIANCHI



©1

Joel era tão próximo do poder que chegou a roubar a namorada do então deputado Juscelino Kubitschek

Ele é uma espécie de Forrest Gump brasileiro. O jornalista e escritor Joel Silveira acompanhou de perto os fatos e personalidades que marcaram a história do país no século 20 – mas, ao contrário do personagem vivido por Tom Hanks no cinema, ele sabia muito bem o que estava fazendo. Sergipano de Aracaju, Joel completará 88 anos neste mês. Começou sua carreira aos 14 anos, trabalhando em um jornal operário. "Eu sempre fui um homem de esquerda, mesmo na época sem saber o que era esquerda", diz Joel. Aos 19, ele chegou ao Rio de Janeiro, onde virou amigo de intelectuais como Graciliano Ramos e Jorge Amado. Desde então, passou por algumas das principais publicações do país, incluindo a inovadora revista *Diretrizes*, de Samuel Wainer, e os poderosos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand (patrão que foi o responsável por lhe dar o apelido de "Víbora", inspirado em seu estilo ácido de escrever).

Sempre próximo do poder, Joel conheceu pessoalmente quase todos os presidentes brasileiros desde Getúlio Vargas – Jânio Quadros e Tancredo Neves chegaram a freqüentar seu apartamento em Copacabana, no Rio de Janeiro. Ele ainda vive lá, onde quase todas as paredes estão cobertas por livros (são 19 mil no total). Conversando com HISTÓRIA, ele relembrou episódios como a dura campanha brasileira na Segunda Guerra e os bastidores do regime militar, época em que foi preso várias vezes.

HISTÓRIA – **Como o senhor foi trabalhar com o Assis Chateaubriand?**

JOEL SILVEIRA – Fiquei cinco anos na revista *Diretrizes*. Ela foi fechada em 1944, por causa de uma entrevista que fiz com o Monteiro Lobato, na qual ele declarou: "O voto deve sair do povo como a fumaça da fogueira". O Samuel Wainer botou a cara do Lobato na capa junto com essa frase. Aí o Departamento de Imprensa e Propaganda fechou a revista. Eu fugi para Sergipe e o Samuel se asilou na embaixada do Chile. Depois de 15 dias no Sergipe, o Assis Chateaubriand mandou me chamar. Eu não gostava dele. Não pessoalmente, mas dos métodos dele, da sua maneira de fazer jornalismo. Hoje eu tenho outra visão. Ele era um jornalista que extorquia dinheiro dos ricos, mas ao mesmo tempo foi o homem que fez o Museu de Arte de São Paulo, incentivou o princípio da aviação brasileira, trouxe para cá a televisão. Ele tinha um lado positivo. Quando eu entrei na sala dele ele me disse: "Senhor Silveira, o senhor é uma víbora e o senhor vai trabalhar para mim. Vá lá para o terceiro andar e fale com o Carlos Lacerda".

Em 1944, o senhor foi escolhido para ser correspondente na Itália dos *Diários Associados*, acompanhando a FEB (Força Expedicionária Brasileira) durante a Segunda Guerra. Como foi essa escolha?

Naquele tempo, três jornalistas dos *Associados*, Carlos Lacerda, David Nasser e Ivan Morel, com muita justiça, queriam ser os correspondentes de guerra. Eu jamais poderia imaginar que fosse ser o escolhido. Aquele dia, quando eu desci para o terceiro andar, o Carlos me falou: "Olha, você vai fazer uma coisa maravilhosa, você vai até o Acre e depois vem descendo. Acre, Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí... até a Bahia. Quando chegar lá você vem embora". Só depois é que eu vim a perceber que, com a viagem, o Carlos queria me afastar. Talvez ele já soubesse que eu estava sendo entrevistado para ser correspondente. Eu fui e, nessa viagem, publiquei uma reportagem que mexia com uma amiga de Chateaubriand, Rosalina Coelho Lisboa. Ele ficou uma fera. Começaram a me mandar telegramas para eu retornar. Quando eu cheguei, fui até a sala dele e ele me disse: "Senhor Silveira, o senhor não sabe o que fez! Dona Rosalina é uma dama". Eu lhe respondi que jamais agrediria uma amiga dele se soubesse. Foi quando me desculpei e disse que ia embora. Ele me respondeu: "O senhor está enganado, o senhor vai levar um corretivo. O senhor vai para a guerra! E vou lhe pedir um favor: não me morra! Repórter não é para morrer, repórter é para mandar notícia!"


©2

Em 1944, Joel *(à esq.)* foi para a Itália, onde acompanhou os pracinhas na guerra

O Brasil estava preparado para tomar parte na guerra?

A FEB realizou todas as tarefas que lhe foram acometidas com o maior heroísmo, com a maior bravura, culminando com a tomada de Monte Castelo e Montese, duas batalhas ferozes. Era tese do general Mascarenhas de Morais que Monte Castelo deveria ser tomado por toda a divisão. Eu estive lá pessoalmente e vi isso. Já o comando americano defendia outra tese, de que o ataque poderia ser feito somente por um regimento (o equivalente a um terço de uma divisão). As duas primeiras tentativas fracassaram. Na terceira, o Mascarenhas desobedeceu os americanos. Começou às 5 horas da manhã e, às 6 da tarde, os brasileiros estavam no cume, inclusive eu. »

> "Em Monte Castelo, a terceira tentativa de ataque começou às 5 horas da manhã e, às 6 da tarde, os brasileiros estavam no cume, inclusive eu"

» Foi aí que eu percebi a situação terrível em que esteve a FEB durante meses. Estávamos em uma verdadeira cratera. No terreno montanhoso dos Apeninos, os alemães estavam nas gripas e a qualquer movimento eles atiravam. Quando pude ver tudo lá de cima, pensei comigo: "Meu Deus, onde a FEB veio se meter!"

O senhor estava em Milão no dia em que penduraram os cadáveres de Mussolini e sua amante em praça pública?
Eu cheguei no momento exato, quando estavam começando a dependurá-los pelas pernas. O italiano é muito cínico, graças a Deus! Quando cheguei à Itália, havia 60 milhões de fascistas. Naquele dia havia 60 milhões de antifascistas. Muitos dos mesmos que haviam aplaudido Mussolini estavam agora cuspindo no cadáver dele, até que os ingleses resolveram acabar com aquela situação. Retiraram os corpos e os enterraram.

Essa foi a última cena grotesca que o senhor testemunhou na guerra?
A guerra terminou, então fui para Paris e de lá para Berlim. A cidade não existia mais. Um mau cheiro desgraçado. Engraçado que, quando entrei na cidade, um oficial me disse: "Tome cuidado com os franco-atiradores, mas principalmente com as feras". Eu perguntei de que feras ele estava falando e ele me disse que eram os leões e tigres que haviam escapado do zoológico após um bombardeio. Mas o odor era chocante, terrível, aquele cheiro de carne podre...

Voltando para a política brasileira: por que, no pós-guerra, houve tantos oficiais da FEB envolvidos com o golpe militar de 1964?
O pessoal da FEB ficou muito frustrado quando voltou para o Brasil. Primeiro porque o Getúlio, num daqueles atos de habilidade, suposta habilidade, desfez a FEB. No mesmo dia do desembarque, cada um era mandado para sua terra. Ficaram com um ódio terrível do Getúlio e começou uma conspiração. Ao mesmo tempo, lá na Itália, eles tiveram um contato muito grande com os americanos. E o negócio da democracia foi entrando na cabeça dessa gente. Quando ocorreu o Golpe de 64, com o Castelo Branco, era exatamente para restaurar a democracia, não para fazer o que fizeram. Eu conversei com muitos deles, inclusive com o próprio Castelo, e ele me disse: "Nossa intenção não era essa". O Castelo pensava em ser reeleito, tinha preparado uma constituição para a volta do Brasil à democracia. Mas a ala dura do Exército, chefiada pelo Costa e Silva, que era um grupo de semi-analfabetos, se rebelou. Não deram a reeleição do Castelo Branco e o Costa e Silva assumiu. Aí começou realmente a tirania. Muitos elementos da FEB, depois que se constituiu o governo do Costa e Silva, se afastaram.

> "Depois do fim da guerra, eu fui para Berlim. A cidade não existia mais. E o odor nas ruas era chocante, terrível, aquele cheiro de carne podre"

Como foi ter sido preso horas depois que a ditadura aprovou o Ato Institucional nº 5, que fechou o Congresso e endureceu muito a perseguição política?
Foi quando eu fui preso pela primeira vez, em 13 de dezembro de 1968. Entraram aqui um capitão, um sargento... Todos cheios de metralhadoras. Eu estava com uma gripe terrível. Quarenta graus de febre. O médico tinha acabado de sair,



Joel *(ao centro)* vê um general alemão *(à esq.)* se render à FEB na Itália

senão ele seria preso também. Então me levaram. Coincidiu que o coronel comandante do batalhão de guarda tinha sido primeiro-tenente da FEB e me conhecia. Quando ele soube que eu estava preso ali, a primeira providência dele foi me tirar da "enxerga", um quartinho com a porta aberta, a latrina aberta, aquela coisa horrorosa... Ele me botou na sala dos oficiais e mandou logo um médico para me examinar. Fui preso às 6 horas da tarde e caí no sono. Quando acordei tinha uma pessoa lá comigo. Eu não a conhecia. Aí eu lhe disse: "O senhor está preso? Qual o seu nome?" Ele me respondeu: "Carlos Heitor Cony". Nós nos conhecíamos através dos jornais, mas não tínhamos contato pessoal. Virou um companheiro de prisão formidável. Não fui torturado. Depois voltaria para lá mais quatro vezes.

do Graciliano. Não era bem o Getúlio, era o Filinto Müller. Ele tinha horror de comunismo porque, quando foi da Coluna Prestes, foi encarregado de angariar fundos e deu um desfalque, sendo expulso da Coluna. Virou um anticomunista feroz. Ele mandou prender o Graciliano, que já era um romancista consagrado. Quando a Alzirinha *(Alzira Vargas, filha de Getúlio)* soube que ele havia sido preso, virou para o pai e disse: "Patrão!" – ela chamava o pai de "patrão" – "Não é possível... Graciliano Ramos?!" Getúlio ligou para o Filinto e perguntou por quê. Aí a Alzirinha, muito atrevida, pegou o telefone e disse: "Solte ele imediatamente! E não faça mais isso, senão eu te demito!" Soltaram. Um mês depois, sem o Graciliano saber, o Getúlio o nomeou fiscal de ensino. Veja o que era a ditadura do Getúlio! Ele virou para mim e disse: "Será que aceito?" E eu lhe disse:

"O Castelo Branco pensava em ser reeleito, tinha preparado uma constituição para a volta do Brasil à democracia. Mas a ala dura do Exército se rebelou"

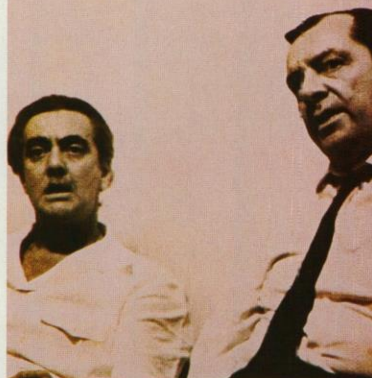
O senhor foi um preso de consciência?
Mas é claro! Eu os amolava e eles me prendiam. Me soltavam e eu voltava a amolá-los. Fui preso pelo Exército, pela Marinha e depois pela Aeronáutica.

O senhor acha que o Brasil regrediu durante o regime militar?
Regrediu terrivelmente. Sob o ponto de vista político, voltou para o marco zero.

Foi pior que o Estado Novo, então?
Ah, até hoje não se sabe onde estão os cadáveres de muitos mortos do regime militar. No Estado Novo, o Getúlio não matava ninguém, se matava ninguém sabe até hoje. Ele prendia, como no caso

"Mas é claro, Graciliano, você está precisando de dinheiro. E, ademais, não foi você quem pediu". Aí ele aceitou.

Das personalidades que o senhor conheceu, qual foi a que mais o impressionou?
Aqui no Brasil foi o Getúlio. Teve o caso da entrevista que fui fazer com ele e quando me recebeu, inicialmente para uma conversa, me chamava de "doutor Silveira", mas, quando lhe entreguei as perguntas, aquele homem educado, bem vestido, cheirando a colônia inglesa se transfigurou. Empurrou aquela cadeira enorme da presidência para trás, jogou o papel na minha direção e disse: "O senhor trate disso com o doutor Lourival *(Fontes, ministro da Propaganda de Vargas)*". Foi-se embora, nem me estendeu a mão. A postura dele me impressionou muito.



Jânio Quadros *(à esq.)* foi um dos presidentes mais próximos de Joel

Só para terminar: dizem que o senhor roubou uma namorada do Juscelino Kubitschek. É verdade?
Isso foi quando ele era deputado federal. Tinha uma moça que era taquígrafa na Câmara e namorava com ele, mas aí nós nos conhecemos e nos gostamos e acabamos ficando juntos. Tempos depois, quando ele estava no Panamá, já como presidente, participando de um evento com outros presidentes latino-americanos, ele veio falar comigo. "E a nossa fulana, como vai?" Eu respondi: "Nossa não, presidente, minha!" *(risos)* ■

SAIBA MAIS

LIVROS
***O Inverno da Guerra*, Joel Silveira, Objetiva, 2005**
Coletânea de reportagens enviadas por Silveira como correspondente de guerra, durante a campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália
***A Milésima Segunda Noite da Avenida Paulista*, Joel Silveira, Companhia das Letras, 2003**
Antologia com algumas das principais reportagens do jornalista, além de entrevistas e relatos da sua convivência com personalidades como Manuel Bandeira, Di Cavalcanti e Gilberto Freyre.


OBRA-PRIMA

MASSACRE AMERICANO

Em 1857, o mês de setembro também foi marcado por um atentado sangrento envolvendo fanáticos religiosos nos Estados Unidos. A diferença é que, naquela época, os assassinos foram fiéis mórmons

POR CÍNTIA CRISTINA DA SILVA **DESIGN** BERNARDO BORGES **ILUSTRAÇÕES** MARCELO GOMES

O sol mal havia nascido no dia 7 de setembro de 1857 quando imigrantes americanos de uma caravana que atravessava o estado de Utah, a caminho da Califórnia, foram surpreendidos por tiros em meio ao café da manhã. Em pouco tempo, cerca de 160 viajantes, incluindo dezenas de crianças, seriam assassinados por fanáticos mórmons em um dos mais sangrentos ataques promovidos por religiosos nos Estados Unidos.

Esse outro setembro de terror, conhecido como "o massacre da montanha de Meadows", é considerado por historiadores como a maior atrocidade provocada por cidadãos americanos contra civis até o atentado a bomba ao prédio federal em Oklahoma City, em 1995, que matou 169 pessoas – o 11 de setembro de 2001 está fora da lista, já que as quase 3 mil mortes não foram provocadas por americanos.

Em *American Massacre* ("Massacre americano", sem versão em português), a jornalista americana Sally Denton conta, em detalhes de embrulhar o estômago, todas as atrocidades cometidas em Utah. Não é à toa que seu relato tem recebido ataques dos mórmons nos Estados Unidos *(leia quadro na pág. 58)*.

O livro narra que, logo após ouvirem os primeiros tiros no dia 7 de setembro, os homens da caravana foram encurralados. Sem saber de onde o ataque partia, eles se defenderam como puderam, construindo um forte com as próprias carroças. Privados de água e comida, tentaram finalmente negociar uma trégua: enviaram duas menininhas vestidas de branco dos pés à cabeça em direção aos inimigos. As duas crianças morreram baleadas a sangue frio.

Após cinco dias de desespero, surgiu um homem informando que o ataque era movido por índios da região. Esse mesmo homem disse que os índios exigiam que eles entregassem suas armas. Sem alternativa, os sitiados aceitaram as condições e iniciaram uma retirada, com as mulheres e crianças na frente e os homens atrás. Eles ainda não sabiam que haviam caído em uma armadilha. »

Os imigrantes americanos haviam entregado suas armas quando foram executados

» A pessoa que viera negociar chamava-se John D. Lee e era, na verdade, um dos homens mais próximos do líder mórmon Brigham Young. Assim que os homens da caravana começaram a se retirar, John D. Lee deu a ordem: "Façam seu trabalho". Imediatamente, dezenas de mórmons surgiram e iniciaram a matança dos homens desarmados que, até aquele momento, não sabiam que aqueles eram os autores dos disparos. Todos foram massacrados, com exceção de 17 crianças que tinham entre 9 meses e 7 anos – de acordo com os mórmons, menores de 8 anos são considerados "sangue inocente". Os sobreviventes foram levados para um rancho. Ainda histéricos e cobertos com o sangue de seus pais e irmãos, foram adotados pelos responsáveis pela carnificina – personalidades da alta hierarquia da comunidade religiosa mórmon, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Após a matança, começou a pilhagem. Os assassinos roubaram tudo. Nem mesmo as roupas ensangüentadas foram esquecidas. Os corpos foram deixados à mercê de coiotes e abutres famintos. Quando o major James H. Carleton passou pelo cenário do massacre, dois anos depois, ele viu ossos desconjuntados, crânios e mandíbulas. "O cenário continuava horrível, difícil de suportar", escreveu o oficial na época. O pior é que, segundo a jornalista Sally Denton, o principal motivo do massacre não foram diferenças religiosas – e sim o interesse na carga que os imigrantes carregavam para a Califórnia.

CARGA PRECIOSA

A caravana que foi dizimada pelos mórmons não era formada por imigrantes maltrapilhos em busca de riqueza fácil no Oeste. Seus integrantes eram camponeses prósperos liderados por Alexander Fancher, um veterano da Guerra do México (travada entre 1846 e 1848) que tinha direito a um pedaço do território anexado pelos Estados Unidos na Califórnia. Acompanhado de sua mulher Eliza e de nove filhos, eles logo foram seguidos por outros fazendeiros, como o também líder John Twitty Baker. No total, entre 20 e 30 famílias partiram para o Oeste.

Uma empreitada dessas exigia um ano de preparação. Cabia às mulheres organizar listas dos itens de necessidade básica como roupas e fogões, além de suprimentos como trigo, arroz, café, açúcar e manteiga. Os homens cuidavam dos armamentos, das ferramentas e dos animais que fariam a viagem. Além das milhares de cabeças de gado, estima-se que os imigrantes levavam mais de 100 mil dólares em moedas de ouro, uma verdadeira fortuna para a época – para se ter uma idéia, o presidente dos Estados Unidos ganhava cerca de 25 mil dólares por ano. No dia 7 de maio de 1857, a então mais rica caravana a cruzar o continente

Entre o céu e a terra

Polêmicas e controvérsias cercam a igreja dos mórmons desde seu surgimento no século 19

Uma visão divina teria sido a pedra fundamental da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O fundador da religião, Joseph Smith (1805-1844), teria recebido em 1823, na cidade de Palmyra, Nova York, a mensagem de um anjo chamado Moroni pedindo que ele cumprisse uma missão divina. Em outra visão, Smith teria encontrado placas de ouro escritas numa língua exótica com ensinamentos celestiais. Em 1830, Smith publicou o *Livro dos Mórmons* e, duas semanas depois, foi fundada a primeira igreja da nova fé. Alguns anos mais tarde, a igreja já contava com milhares de devotos. Smith propôs a seus seguidores uma idéia de socialismo religioso anterior ao comunismo. A igreja foi se expandindo e, com ela, os hábitos segregacionistas de seus adeptos em relação aos não-praticantes. Além disso, a poligamia, prática conhecida como "casamentos celestiais" (Smith teve mais de 50 mulheres), e a expiação dos pecados através do sangue (os mórmons da época cortavam a garganta de infiéis e criminosos) fizeram com que a hostilidade acompanhasse os fiéis em várias das cidades em que eles tentavam se estabelecer. Apesar do crescimento da nova fé, a vida do profeta Smith parecia cada vez mais complicada. Tocado pela febre especulativa, fundou um banco e pediu que seu rebanho depositasse suas economias nele. Em 1837, o banco faliu. Num período de quatro meses, Smith foi preso sete vezes acusado de fraude bancária. Para lutar contra os inimigos, o profeta criou um grupo secreto de "anjos vingadores", uma milícia fortemente armada chamada de Danites. Em 1844, preso numa cidade do estado de Illinois, ele pediu a seus "santos" que fossem resgatá-lo. Mas uma turba de inimigos chegou antes e Smith terminou assassinado por um grupo de mais de 100 homens.

Nem mesmo as roupas ensangüentadas ficaram de fora da pilhagem. Os corpos ficaram expostos aos abutres

americano partiu do estado do Arkansas para a Califórnia, cruzando o Kansas, Nebraska e Washington até chegar em agosto ao estado de Utah.

Ao pararem na cidade de Salt Lake City, os problemas começaram. Apesar da abundância de alimentos, os comerciantes mórmons se recusaram a vendê-los para os "gentios". Desesperados diante da negativa de venda de vários comerciantes, eles partiram para as cidades vizinhas, sem saber que elas também haviam recebido ordens de não vender nada para o grupo. Segundo historiadores, essa conduta selou uma sentença de morte aos viajantes. Além do boicote, boatos incitavam o ódio aos integrantes da caravana. Rumores afirmavam que os "gentios" insultavam continuamente as mulheres e os líderes mórmons.

No dia 21 de agosto, os viajantes finalmente conseguiram comprar milho em um vilarejo indígena. Mas quando a caravana seguiu pela montanha de Meadows, considerado até então o lugar mais bonito da viagem, foi surpreendida pelo ataque covarde.

BODE EXPIATÓRIO

Por muito tempo, os autores do massacre da montanha de Meadows tentaram culpar os índios pelo atentado. Poucos anos depois, contudo, já era de conhecimento público que a chacina havia sido orquestrada por um grupo de mórmons liderados por John D. Lee e sob ordem do líder supremo da igreja, Brigham Young.

Segundo a jornalista Sally Denton, os autores do massacre estavam interessados em dinheiro e influência. Na época, o líder mórmon Brigham Young travava uma briga com o governo dos Estados Unidos. Para ganhar poder frente ao governo, Young fazia de tudo para que as autoridades americanas acreditassem que era ele quem controlava o "ímpeto sanguinário" dos indígenas da região, evitando assim que os viajantes brancos fossem atacados pelos "selvagens". Curiosamente, relatos da época falam de crimes praticados por "indígenas de pele branca" familiarizados com a linguagem típica dos mórmons daquela época.

A carnificina da montanha de Meadows seguiu impune até 1877, quando a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e o líder Brigham Young resolveram colocar toda a culpa pelo massacre em John D. Lee, julgado e condenado à morte. Anos depois, Lee escreveu um relato detalhado do massacre, contando como tudo foi armado.

Em 1999, uma escavação descobriu várias ossadas no local. Apesar do valor histórico da descoberta, uma ordem do governador de Utah determinou que os restos fossem enterrados imediatamente, impedindo a pesquisa na região. No ano 2000, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias tentou negociar com o governo federal a compra de terras na região da montanha de Meadows – local onde possivelmente estariam as sepulturas coletivas dos imigrantes –, mas a oferta foi recusada. ■

SAIBA MAIS

LIVRO
***American Massacre*, Sally Denton, Alfred A. Knopf, 2003**
US$ 26,95



O Beagle, navio no qual o naturalista viajou por cinco anos

CLÁSSICO

De barco rumo ao sul

O Diário do Beagle traz as anotações da viagem feita pelo jovem Darwin

No dia 24 de outubro de 1831, 28 anos antes de publicar sua maior obra, *A Origem das Espécies*, o jovem Charles Darwin escreveu as primeiras linhas de um diário que se propôs a manter por cinco anos. Nele, registraria toda sua viagem a bordo do navio inglês H.M.S. Beagle. Aos 22 anos, o rapaz percorreu diversos países do hemisfério sul – entre eles o Brasil – e deixou em suas anotações não apenas registros de fatos cotidianos, mas também suas observações e análises sobre o que presenciava.

O Diário do Beagle (UFPR) ganhou recentemente sua primeira versão em português na íntegra. Traduzido pelo lingüista Caetano Waldrigues Galindo, da Universidade Federal do Paraná, o livro é uma aventura. Ao longo de sua viagem, Darwin enfrentou tempestades – e muitos enjôos –, presenciou revoluções e um terremoto, explorou terras inabitadas, conheceu tribos indígenas. E, principalmente, coletou muitos espécimes de vegetais e animais. "A viagem fez o Darwin que viríamos a conhecer", afirma Caetano. "O jovem que sai da Inglaterra no Beagle era um geólogo promissor – e os primeiros registros nos diários confirmam essa inclinação e esse talento. No entanto, as observações e coletas que ele faz durante a viagem vão tornando inevitável sua dedicação a questões de biologia."

As impressões do inglês sobre o Brasil merecem destaque. Ao mesmo tempo em que Darwin se encanta com as maravilhas naturais daqui, sobram críticas aos brasileiros. "Os brasileiros, até onde vai minha capacidade de julgamento, possuem somente uma pequena quantia daquelas qualidades que dão dignidade à humanidade", escreve, em 3 de julho de 1832. O país ficaria marcado para sempre também na saúde de Darwin. Seu diário não registra uma só linha em todo o mês de outubro de 1834. Foi quando ele ficou doente, provavelmente infectado por um barbeiro brasileiro, transmissor da doença de Chagas.



526 págs.
R$ 55

A leitura da edição brasileira do livro é facilitada por diversas notas de rodapé. Além disso, nesta edição foram aproveitados trechos que o próprio Darwin havia excluído de seus originais para a primeira publicação de suas anotações.

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA

© 1 GETTY IMAGES/AFP 2 DIVULGAÇÃO

LANÇAMENTOS

Sonho de liberdade

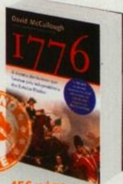


Mesmo quando a liberdade parecia apenas um sonho distante, os escravos da América do Norte sabiam contestar seus proprietários quanto aos ideais de uma sociedade mais justa. O professor da Universidade de Maryland Ira Berlin descreve em sua premiada obra *Gerações de Cativeiro – Uma História da Escravidão nos Estados Unidos* (Record) a saga dos descendentes de africanos nas plantações de algodão e nas ruas das cidades em três séculos de luta pela liberdade (1613-1865).

ERNANI FAGUNDES

448 págs.
R$ 62,90

Davi e Golias no front



Alguns autores explicam a história com teorias e abstrações. Outros preferem contá-la em episódios detalhados. Em *1776* (Jorge Zahar), David McCullough faz o leitor se sentir em uma sala de cinema: após intensa pesquisa em diários, jornais e cartas íntimas, reconstitui os medos e a penúria do pequeno exército americano diante do gigante e disciplinadíssimo exército britânico, no início da guerra de independência dos Estados Unidos.

TÂMIS PARRON

456 págs.
R$ 59

Relacionamento escancarado



Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre escandalizaram a França do início do século passado. *Tête-à-Tête* (Objetiva), de Hazel Rowley, é uma biografia baseada na vida amorosa do casal de filósofos, que mantinha um relacionamento aberto impensável na Europa dos anos 30 – os dois chegaram a se envolver simultaneamente com o mesmo amante, por exemplo. A versão brasileira contém trechos de cartas inéditas, proibidas na edição européia pela filha adotiva de Sartre.

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA

456 págs.
R$ 54,90

Corpo em evidência



Em *Uma História do Corpo na Idade Média* (Civilização Brasileira), o medievalista francês Jacques Le Goff deita os olhos (sem malícia) sobre a questão do corpo. Le Goff demonstra como o corpo era encarado como um fardo pelo cristianismo, que reprimia seus impulsos, mas também com exaltação, dentro de uma persistente visão de mundo pagã que ainda se manifestava em eventos como o Carnaval.

FABIANO ONÇA

208 págs.
R$ 33,90

SAIBA MAIS



OS LIVROS QUE ESTÃO COM O CARIMBO "LEIA NO SITE" TÊM SEUS PRIMEIROS CAPÍTULOS DISPONÍVEIS EM NOSSO SITE. ACESSE E CONFIRA. WWW.AVENTURASNAHISTORIA.COM.BR

BIBLIOTECA BÁSICA

Entenda o nascimento do poder paralelo nas cadeias

POR LUÍS MIR*

A Oficina do Diabo

EDMUNDO CAMPOS COELHO, RECORD, 2005



Há dois tipos de livros: os imperdíveis e os obrigatórios. A pesquisa de Campos Coelho do sistema prisional na década de 80, suas ramificações e projeções dentro do tecido social, a violência como prática social cotidiana e sua programação e manutenção pela estrutura social o tornam parte do segundo grupo.

Operários da Violência

MARTHA K. HUGGINS, MIKA HARITOS-FATOUROS E PHILIP G. ZIMBARDO, UNB, 2006



Este, além de obrigatório, é dever ético e moral. Pela primeira vez se faz a conexão (psicanalítica e política) entre o aparelho policial (civil e militar) e o aparato militar de repressão usado durante o regime militar. Os policiais brasileiros receberam dos militares a missão de matar, aniquilar, exterminar o inimigo interno – nesse caso, nós, brasileiros. Acabou a ditadura. Mas a polícia continuou matando, torturando, aniquilando.

Prevenção da Violência

JOÃO TRAJANO SENTO-SÉ, RECORD, 2006



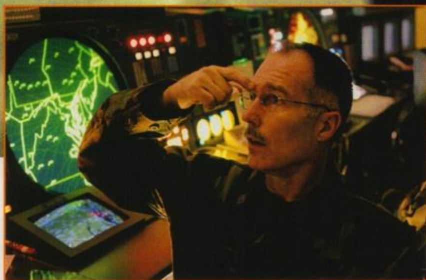
É uma discussão inicial, mas importante. A violência pode ser prevenida? Não há dentro do Estado brasileiro um modelo de prevenção global, de defesa da vida, dos direitos fundamentais. Aqui, Sento-Sé ausculta, projeta, mensura. A prevenção da violência no caso brasileiro é axiomática: ter ou não ter futuro, como espécie, animais políticos, cidadãos.



* LUÍS MIR é historiador e autor de livros como *Guerra Civil – Estado e Trauma*

EM CARTAZ

Suspense real



Controladores de vôo de verdade *(no destaque)* interpretaram a si mesmos na ficção

Filme reconstrói o seqüestro de um dos aviões do ataque de 11 de setembro

Ninguém sabe ao certo o que se passou dentro do vôo 93 da United Airlines que, em 11 de setembro de 2001, partiu de New Jersey para São Francisco, nos Estados Unidos, foi seqüestrado e caiu na Pensilvânia. Mas, com base em documentos, relatos de familiares dos ocupantes e telefonemas que eles fizeram em pleno ar, o diretor Paul Greengrass tenta reconstituir aquela manhã em *Vôo 93*.

No filme, cenas reais se misturam às da ficção e muita gente interpreta a si mesmo. E a descoberta de que aviões haviam sido seqüestrados, a surpresa do choque de dois deles contra as torres do World Trade Center e a queda de um avião no Pentágono conferem pique de *thriller* – tudo isso tem mais suspense do que qualquer roteiro inventado.

Os acontecimentos de dentro do avião da United Airlines são mostrados quase em tempo real. Após o anúncio do seqüestro, pelos telefones do avião e de seus celulares, os passageiros descobriram o que havia acontecido com os outros três aviões seqüestrados. E perceberam qual seria seu destino. Mas tentaram reagir e atacaram os seqüestradores. Oficialmente, foi essa reação que evitou que o Boeing 757 atingisse um de seus possíveis alvos, a Casa Branca ou o Capitólio. *Vôo 93* é um filme que todo mundo sabe como vai acabar. E, ao mesmo tempo, é um filme que ainda está sendo rodado.

CLÁUDIA DE CASTRO LIMA

Vôo 93
Paul Greengrass, Estados Unidos, 2006
Estréia: 1º de setembro
Distribuição: UIP

Inferno na torre

Em *Torres Gêmeas*, heroísmo vale mais que a política

O superdiretor Oliver Stone também tem seu *blockbuster* sobre o atentado terrorista aos Estados Unidos. *Torres Gêmeas*, que estréia em 29 de setembro, conta a história de dois policiais, John McLoughlin (Nicolas Cage) e Will Jimeno (Michael Peña), que ajudaram no resgate das vítimas do World Trade Center. Os dois sobreviveram – e colaboraram na produção do filme. *Torres Gêmeas* mostra como ambos, despreparados e com medo, não morreram soterrados pelos prédios que ruíam ao redor deles.

HISTÓRIA ONLINE

Textos medievais

O site *História Medieval* tem poemas, sermões, cartas, crônicas e os mais diversos textos datados da Alta e da Baixa Idade Média – do século 5 ao 15. O melhor de tudo: traduzidos para o português. O endereço é mantido pelo professor Ricardo Costa, conhecido medievalista brasileiro da Universidade Federal do Espírito Santo. Além dos textos, é possível encontrar mapas dos movimentos bárbaros, dos reinos germânicos e do império carolíngio, entre outros.
FERNANDA KALENA LEVY

www.ricardocosta.com



Detalhe de uma iluminura medieval

PROGRAMAÇÃO



Crimes políticos

A história do presidente ucraniano Victor Yushenko é o ponto de partida do documentário *Envenenados* – ele foi vítima de veneno e teve seu rosto desfigurado. No programa, são mostrados diversos casos de assassinatos cometidos na política, especialmente na antiga União Soviética. F.K.L.

8 de setembro, às 22h, no The History Channel

AVENTURAS VIRTUAIS

Pela França

A terceira geração de *Call of Duty* continua com o estilo cinematográfico de seus antecessores. Agora, no entanto, a ação se passa durante a libertação da França na Segunda Guerra Mundial. A missão começa na cidade francesa de Saint-Lo e mostra a marcha em direção a Paris. Desta vez, o soldado controla tanques. F.K.L.



Parece cinema: aqui, o jogador ajuda a libertar a França

EXPOSIÇÕES

ELE É CARIOCA

Cinqüenta e um óleos e 59 desenhos e aquarelas pintados entre as décadas de 1920 e 1970 estão na mostra *Di Cavalcanti – Um Perfeito Carioca*. Como o título da exposição sugere, os trabalhos estão relacionados à cidade do Rio de Janeiro. Outro trunfo é a trilha sonora, montada com os artistas preferidos de Di: Pixinguinha e Ernesto Nazareth.

Até 17 de setembro, na Caixa Cultural Rio, avenida Almirante Barroso, 25, Rio de Janeiro, RJ

FASE DE CRESCIMENTO



As transformações sofridas por São Paulo durante a década de 1930 (como a construção da avenida Rebouças e do estádio do Pacaembu) são mostradas em mais de 50 fotografias e documentos originais da época em *Renata e Fábio Prado – A Casa e a Cidade*. A exposição marca a época em que Fábio da Silva Prado (1887-1963) foi prefeito de São Paulo, entre 1934 e 1938.

Até 1º de outubro, no Museu da Casa Brasileira, avenida Faria Lima, 2 705, São Paulo, SP

MODERNIDADES

A exposição *Arte Moderna em Contexto* reúne a obra de 76 artistas modernistas como Di Cavalcanti, Portinari, Volpi, Tomie Ohtake e Fúlvio Pennachi, entre outros. Todas as obras, divididas por temas, são contextualizadas a partir de objetos de uso cotidiano (como broches de propaganda política e marmitas) e de músicas.

Até 6 de outubro, no Banco Real, avenida Paulista, 1 374, São Paulo, SP

CLUBE DA LULU

Mais uma de arte: a exposição *Manobras Radicais* é composta exclusivamente por artistas mulheres. Entre as autoras das obras estão Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Lygia Clark e Anna Maria Maiolino. São, ao todo, mais de 40 artistas.

Até 15 de outubro, no Centro Cultural Banco do Brasil, rua Álvares Penteado, 112, São Paulo, SP

COLEÇÃO

Museu do Correio de Paris

Selos, meios de transporte, cartas importantes: são 500 anos de história antes da invenção do e-mail

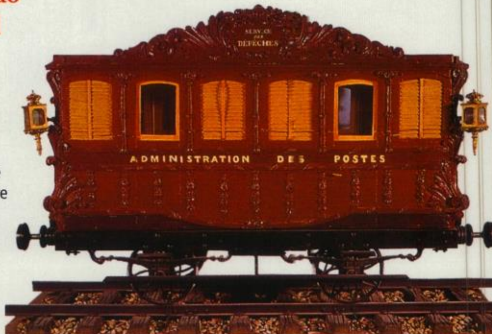
Não é só de selos que é feito o Museu do Correio de Paris, na França. Claro que eles estão lá, aos montes – afinal, são 150 anos de selos. Mas o correio parisiense tem muito mais história. Implantado oficialmente em 1477, ele foi criado pelo rei Luís XI, que empregou 230 mensageiros a cavalo. O serviço permitia ao monarca enviar ordens sem o risco de ser mal-interpretado e receber as respostas por escrito, em vez de depender da memória do mensageiro.

O Musée de La Poste (seu nome original), que completa 60 anos este ano, ocupa desde 1973 cinco andares do prédio localizado em cima da central do Correio de Paris, no bairro de Montparnasse. Seu primeiro endereço era um prédio histórico do século 18, o hotel de Choisel Praslin. Suas 11 salas guardam preciosidades como as primeiras caixas de correio instaladas na rua, ilustrações sobre os transportes que já foram usados para fazer a comunicação entre as pessoas e uniformes dos carteiros, além de correspondências de reis e políticos.

Exposições temporárias relacionadas ao tema também ocupam as salas do museu. Uma mostra sobre a arte da filatelia brasileira, por exemplo, foi realizada no ano passado. O Museu do Correio ainda possui uma biblioteca aberta ao público e uma fototeca para jornalistas, editores e apaixonados, além de promover atividades pedagógicas para crianças e adolescentes.

VY FARIAS

SAIBA MAIS
www.museedelaposte.fr



1 PRIMEIRA DILIGÊNCIA

A maquete mostra, em detalhes, o primeiro vagão de trem do correio francês, que, em 1845, ganhou o nome de "diligência". Ele servia entre as cidades de Paris e Rouen, a 130 quilômetros da capital. De madeira, o vagão possuía divisórias para facilitar a organização das cartas.



2 MENSAGEM NA BOLA

Durante a guerra franco-alemã, em 1870, Paris não tinha como se comunicar com o resto do país. Foi quando dois sujeitos, Pierre Charles Delort e Robert Vonoven, criaram uma bola de zinco para 400 a 600 cartas. Estima-se que 55 delas tenham sido jogadas no rio Sena em direção ao interior da França – mas não se sabe se chegaram ao destino.



3 BOTAS DE SETE LÉGUAS

Feitas de madeira, couro e ferro, as botas dos carteiros do século 19 pesavam até 4 quilos cada uma. Em caso de queda, elas protegiam as pernas dos trabalhadores, que transportavam as cartas em carroças puxadas por cavalos ou cachorros. Para ficar mais confortáveis, elas eram recheadas com palha.



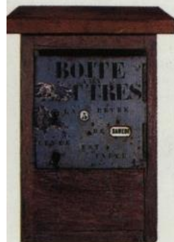
4 MAPA DA MINA

O primeiro mapa das rotas do correio francês data de 1626. A reprodução exposta no museu, porém, é de 1632, e mostra as 12 cidades mais importantes e os caminhos que o correio fazia entre elas. O primeiro mapa continha ainda preocupações estéticas, como os desenhos das armas do rei da França no alto e à direita da figura.



O tesouro postal francês ocupa 11 salas em cinco andares

5 CAIXA NA ESQUINA



As primeiras caixas de correio ficavam nas esquinas das ruas. De madeira, elas tinham placas de metal com um contador que marcava a recolha da última remessa – em Paris, por exemplo, o intervalo era de oito horas. Em 1692, Paris tinha apenas seis caixas de correio. A caixa da foto é de 1850.



6 TRANSPORTE POSTAU-AU

A prática de usar uma carroça puxada por cães para o transporte de cartas foi muito usada no século 19. Algumas regras tinham de ser seguidas: o cachorro não poderia ter menos de 50 centímetros e nem menos de um ano e meio de vida. Além disso, se a carroça estivesse muito pesada, o condutor não podia montar nela, para não machucar o cãozinho.



7 SELO NÚMERO 1

A Assembléia Nacional francesa decidiu criar o primeiro selo em 24 de agosto de 1848. Ele podia ser utilizado em cartas de até 7 gramas. Mas foi só no ano seguinte que o selo começou a ser vendido nos postos dos correios de toda a França. Mais de 42 milhões de selos foram impressos em dois meses. Este selo da foto é de 1870.

8 POMBO-CORREIO

Esta lanterna, toda de metal, é de 1871 e era fundamental na leitura das mensagens transportadas por pombo-correio. No século 19, as cartas que viajavam assim eram microfilmadas e reduzidas a um tamanho microscópico para que cada ave pudesse transportar até 30 mil mensagens de uma só vez.



9 SINAIS SONOROS



O *claquoir*, instrumento de madeira e ferro, era usado na França do século 13 para alertar as pessoas quando o carteiro estivesse passando – é como se fosse a musiquinha do caminhão de gás hoje. Em Lyon, porém, a moda não pegou. Os tocadores do *claquoir* preferiam preservar o sono das damas que dormiam.



10 ORGULHO NACIONAL

O TGV (*train à grande vitesse*, ou trem com grande velocidade) foi utilizado para transportar cartas apenas a partir de 1984 – a linha Paris-Lyon já existia desde 1976. Com uma velocidade de 250 quilômetros por hora, o primeiro TGV Postal era capaz de transportar cerca de 65 toneladas de correspondência em uma só viagem.

© FOTOS DIVULGAÇÃO ILUSTRAÇÃO ANDRÉ KITAGAWA

POR FERNANDO GONSALES

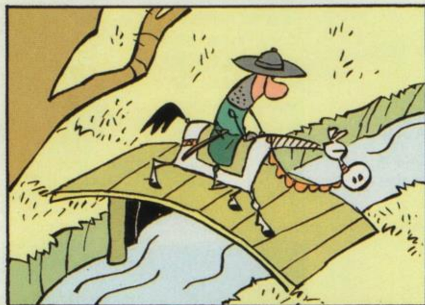
A MOEDINHA DA SORTE









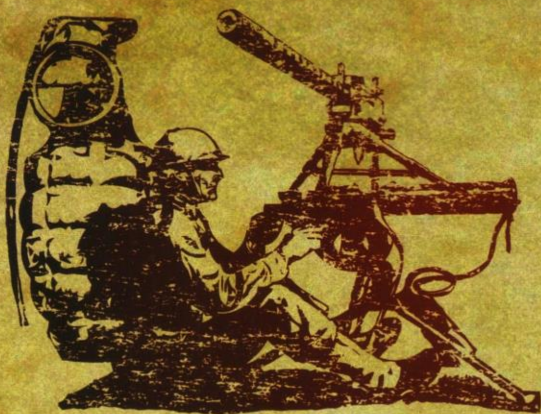








salem



TIRE AS ARMAS DE CIRCULAÇÃO.

DVD ARMAS DA II GUERRA MUNDIAL. PASSE NA BANCA MAIS PRÓXIMA E GARANTA O SEU.



Pela primeira vez em DVD, você vai conhecer as máquinas de destruição que decidiram a maior guerra da história. São 165 minutos de imagens reais de bombardeiros, tanques, caças, porta-aviões, foguetes e metralhadoras, além de entrevistas com ex-combatentes em um documentário que vai impressionar quem assistir. DVD Armas da II Guerra Mundial. Já nas bancas.

GRANDES GUERRAS · EDITORA Abril · DVD VIDEO

